

Nº 1238 - 25 Fevereiro 2005

Acção **Socialista**

Director: Augusto Santos Silva Director-adjunto: Silvino Gomes da Silva
Internet: www.ps.pt/accao E-mail: accaosocialista@ps.pt



VITÓRIA ABSOLUTA

O VOTO CERTO DEU CERTO

1. A análise das eleições deve ser tão clara como claros foram os seus resultados. Há um vencedor, um único vencedor, o Partido Socialista. Propôs-se ganhar as eleições e pediu aos portugueses condições para governar segundo o seu programa: os portugueses responderam inequivocamente, dando-lhe uma maioria absoluta.

A direita sofreu uma derrota estrondosa. Estará reduzida a menos de um terço dos lugares do próximo Parlamento. E não foi só Santana Lopes que perdeu, ou o PSD. Perdeu Santana Lopes, perdeu todo o PSD, perderam Paulo Portas e o PP.

Convém não esquecer nenhum destes dados. O eleitorado castigou toda a direita e a sua governação. O projecto de Paulo Portas, que passava por capitalizar parte das perdas do PSD, subir significativamente de votação e afirmar-se como potencial líder da direita, acabou na noite do dia 20. Todos os que no PSD apostaram na demarcação face a Santana mas com participação activa no que desejavam ser uma vitória de Pirro do PS, isto é, uma maioria relativa e por pouca margem, perderam também: Marques Mendes, Marcelo Rebelo de Sousa, Pacheco Pereira, Pinto Balsemão, António Borges são nomes de outros derrotados. E, evidentemente, o voto popular de Fevereiro de 2005 confirmou o voto de Junho de 2004, na profunda rejeição da agenda política da direita, desde Durão Barroso e Manuela Ferreira Leite a Santana Lopes e Bagão Félix.

A viragem eleitoral à esquerda é uma das mais importantes consequências desta eleição. Mas também aqui importa ser claro. Esta viragem conforta o PS, que nunca definiu como seu objectivo eleitoral "esmagar" o PCP e o Bloco de Esquerda, mas sim derrotar a direita e ganhar a confiança dos portugueses. Não conforta o PCP e o Bloco, cujo objectivo político principal, senão único, era impedir a maioria absoluta do PS e ganhar o que supunham poder ser uma espécie de direito de custódia sobre um futuro governo PS. Não conseguindo alcançar tal objectivo, perderam. Uma perda sem dúvida atenuada pelo facto de terem crescido eleitoralmente, mas uma perda. É hora de lhes dizer, com toda a clareza, que foi um excelente resultado para o horizonte de uma governação à esquerda e progressista, quer dizer, reformista, em Portugal não ter o governo socialista ficado dependente de acordos com comunistas e bloquistas.

2. A mensagem do eleitorado também foi clara em três outros planos.

Primeiro, as pessoas quiseram escolher o programa do PS. Quiseram mudar de agenda política, quiseram recolocar na prioridade das políticas públicas o emprego, o crescimento económico, a qualificação e a coesão social. Aderiram

à lógica de modernidade que o PS, e só o PS, apresentou: o plano tecnológico, o desenvolvimento, a qualidade de vida. Expressaram um larguíssimo apoio a uma mudança profunda nas orientações políticas.

Segundo, as pessoas castigaram a campanha suja, negra, negativa, conduzida pelo populismo de Santana e Portas. Repudiaram a tática dos boatos e insinuações, repudiaram as "notícias" encomendadas, repudiaram a tentativa de aproveitar politicamente a morte da Irmã Lúcia. Disseram "rua!" à inqualificável gente que, ao longo destes três anos, tudo tentou para destruir o PS atacando o que o PS, como partido republicano que é, mais preza: a honra e o bom nome dos seus dirigentes e militantes.

Terceiro, as pessoas disseram quem preferiam. Bombardeadas semanas a fio com a ideia de que, com a vitória do PS, regressaria o "guterismo", as pessoas responderam que mil vezes escolheriam regressar a um ciclo político de atenção às pessoas, sensibilidade social e seriedade política, do que continuar a sofrer o jugo de uma direita irresponsável, retrógrada e demagógica.

3. A vitória do PS de domingo passado é uma vitória de muita gente. De José Sócrates, secretário-geral do partido, protagonista número um do seu projecto, programa e equipa. De todas as estruturas partidárias, unidas na campanha em torno do seu líder eleito. Da cultura democrática e plural do PS, que soube discutir livre e publicamente, no tempo certo, as ideias e rostos para o seu futuro e soube decidir num congresso vivo o rumo que deveria seguir. De todos quantos, entre 2002 e 2004, souberam resistir ao ataque furioso da direita contra o PS e o seu património moral, um ataque que recorreu a todos os meios e cujo objectivo essencial era intimidar e decapitar o nosso partido. É esta a hora de também ressaltar os que se destacaram nesse combate de resistência e desde logo, Ferro Rodrigues, à frente do partido, e António Costa, à frente do grupo parlamentar.

Mas a vitória do PS é em muito a vitória dos milhares de cidadãos que, primeiro no âmbito do gabinete de estudos e depois no das Novas Fronteiras, participaram activamente na discussão dos problemas do país e na construção de soluções. O PS continua a ser o único partido português com uma relação aberta e regular com a sociedade civil, e essa é uma enorme vantagem sua, sobre todos os outros.

Escrevi aqui, há quinze dias, que não havia alternativa à alternativa do PS. Pois bem: o eleitorado mostrou que acredita na alternativa do PS. A responsabilidade, a enorme responsabilidade do PS, é agora só uma: estar à altura da confiança que nele foi, maciçamente, depositada.



AUGUSTO SANTOS SILVA

Augusto Santos Silva

A direita sofreu uma derrota estrondosa. Estará reduzida a menos de um terço dos lugares do próximo Parlamento. E não foi só Santana Lopes que perdeu, ou o PSD. Perdeu Santana Lopes, perdeu todo o PSD, perderam Paulo Portas e o PP.

QUINTA DAS TRAPALHADAS 2

ANTOONIO COLAÇO

- Vá! vá lá, tava a ver que nunca mais se despachava pra vir ter com o tio Zé Castelo Branco prá Quinta das Trapalhadas 2! Tamos quase a começar o pograma e você nunca mais se decidia depois da banhada de 20 de fevereiro. Escusa de me explicar que não o querem em mais lado nenhum - Sporting, Figueira da Foz, Cadeira do Poder, túnel do Marquês, perdão, Câmara de Lisboa, PPD/PSD... deixe lá!

O querido, agora, vai aprender durante uns tempinhos como ganhar credibilidade longe das empresas de sondagens, longe dos comícios trapalhões, longe dos problemas dos portugas que tanto trabalham nos dão, sei lá, longe da guerra pela sua sucessão querido!

Quem são esses pindéricos que traz aí?! O quê, também querem vir aprender comigo, credo! Sht! Rua! Daqui para fora! Era o que faltava! Vá, vamos lá rezar a oração a Sto. António pra que chova!!!!



DECLARAÇÃO DO SECRETÁRIO-GERAL NA NOITE DA "HISTÓRICA" VITÓRIA

1. Conseguimos. Conseguimos. A partir de hoje há, em Portugal, uma nova maioria e uma nova esperança. Hoje o PS teve uma vitória verdadeiramente histórica. Nunca o PS tinha alcançado a maioria absoluta de mandatos na Assembleia da República. Hoje, Temos uma maioria para governar Portugal.

2. É bom que não haja dúvidas: o facto de tantos portugueses terem votado nestas eleições e a dimensão da vitória que quiseram dar ao PS só pode ter uma leitura – esta maioria não é apenas uma maioria de protesto é uma maioria para construir um projecto novo. Esta não é uma maioria de rejeição. Esta é uma maioria de afirmação de uma alternativa, de uma ambição e de uma vontade de mudança em Portugal.

3. Com esta vitória cai um velho mito da política portuguesa. O mito de que só a direita podia ambicionar ter maioria absoluta no Parlamento. Ou, dito de outra forma, que era irrealista o PS sozinho ambicionar ter maioria absoluta no Parlamento. Eu nunca me resignei a esta ideia. Desde o primeiro momento acreditei que essa maioria era possível e mais do que possível, era desejável. Desde o primeiro momento que me bati por ela. Sabendo que era difícil, sabendo que teria contra ela todas as forças políticas. Mas a maioria absoluta aí está. Aquilo que a muitos parecia impossível tornou-se hoje uma realidade para os próximos quatro anos.

4. Nestas eleições, como em todas, há vencedores mas também há vencidos. Venceu o PS Mas também venceu a democracia. Se há lição a tirar destas eleições é que o povo português rejeitou claramente as campanhas políticas pela negativa; as campanhas baseadas em ataques pessoais, em insultos e na falta de respeito pelos adversários políticos. Espero que todos tenham aprendido a lição; e espero que a tenham aprendido a bem da nossa democracia e a bem de Portugal.

5. Mas quero, agora, dirigir-me a todos os portugueses. Para agradecer a confiança que depositaram no Partido Socialista e para lhes dizer que encaro esta vitória eleitoral sem nenhum triunfalismo e sem nenhuma arrogância. Pelo contrário, encaro-a com humildade e com sentido da responsabilidade. Para o PS esta maioria absoluta significa mais exigência e mais motivação. É por isso que nesta noite de festa para o PS eu quero dizer aos portugueses como vejo esta vitória.

· O meu desejo é colocar esta vitória ao serviço dos portugueses, ao serviço de todos os portugueses. Em democracia há vencidos e vencedores mas não há excluídos. O PS não governará contra ninguém. Mas governará por todos e para todos como é o seu dever. O PS conta com todos os portugueses para vencer os desafios de Portugal.

· O meu desejo é que esta vitória sirva para restaurar a confiança. A confiança na nossa economia, a confiança nas nossas instituições, a confiança nos portugueses, a confiança no futuro de Portugal. Já é tempo de vencermos o pessimismo a descrença e a desilusão. Os novos tempos são tempos de esperança.

· O meu desejo é colocar esta vitória ao serviço da modernização do país. Um país que vejo com mais crescimento económico, com mais inovação, com mais investimento, com mais qualificação,



com mais oportunidades. Essa é a chave do sucesso. Essa é a exigência do futuro.

· O meu desejo é colocar esta vitória ao serviço de um país mais justo, ao serviço da criação de emprego, ao serviço da redução das desigualdades, ao serviço do combate à pobreza.

· O meu desejo é colocar esta vitória ao serviço da afirmação de Portugal como país empenhado na construção do projecto europeu e empenhado numa cooperação internacional com os olhos postos nos objectivos da paz, da justiça, e do desenvolvimento.

Nestes momentos, as palavras ficam sempre aquém da emoção e da gratidão que é devida. Ainda assim quero dirigir uma palavra de especial agradecimento em primeiro lugar ao meu Partido – ao PS. Atravessámos momentos difíceis para aqui chegar. Mas o PS esteve sempre à altura dessas dificuldades.

O PS apresentou-se nestas eleições unido, corajoso e determinado com todos – militantes e dirigentes – a darem o melhor de si próprios. Foi uma honra liderar o PS nesta campanha. E deixo também uma palavra especial à JS que deu a alegria e o entusiasmo que marcaram a campanha do PS nas ruas de Portugal. Quem tem os jovens do seu lado, tem também o futuro consigo. E não esqueço que foram os jovens os primeiros a clamar: o PS está em luta pela maioria absoluta. Essa luta está ganha.

· Agradeço também e muito especialmente a todos os independentes que, no âmbito do movimento Novas Fronteiras,

colaboraram com o PS na elaboração da nossa proposta política e nas acções da nossa campanha eleitoral.

· E a todos quero reafirmar que o movimento Novas Fronteiras não acabou com esta vitória eleitoral. Pelo contrário, esse movimento vai continuar porque a abertura que ele representou é a abertura com que o PS quer governar Portugal.

· Quero também dirigir uma palavra de saudação a todos os dirigentes dos outros partidos que participaram nesta disputa eleitoral. Tivemos uma longa, dura e às vezes amarga campanha eleitoral. Mas sem ressentimentos quero deixar a todos uma calorosa saudação democrática. O País conta com todos: Governo e oposição – todos são necessários à democracia.

· Não é a maioria absoluta que levará o PS a dar menos atenção às oposições ou ao Parlamento. Pelo contrário, a maioria absoluta exige-nos – estarmos bem conscientes disso – um respeito e uma atenção acrescida pelas opiniões de todos.

· Eu sei, e sempre o disse, que Portugal enfrenta sérios problemas. Mas também sei que é nos momentos difíceis que os portugueses dão o melhor de si próprios.

Aqui estou, também, para dizer aos portugueses que à confiança que em mim depositaram responderei dando o melhor de mim próprio.

Sei que se nos mantivermos firmes e determinados num objectivo de progresso e de desenvolvimento não falharemos. Não falharemos. Eu estou aqui porque acredito em Portugal e porque acredito nos portugueses.



SÓCRATES INDIGITADO PRIMEIRO-MINISTRO

O secretário-geral do PS, José Sócrates, foi indigitado primeiro-ministro pelo Presidente da República, no passado dia 24, após a vitória histórica do PS nas legislativas.

José Sócrates foi recebido em audiência por Jorge Sampaio na manhã de ontem, no Palácio de Belém, tendo sido formalmente convidado a formar Governo. O Partido Socialista ganhou com maioria absoluta as eleições legislativas

antecipadas no passado dia 20 de Fevereiro, tendo o chefe de Estado ouvido os partidos políticos ao longo do dia 22. Apesar de não ter feito declarações à saída do Palácio de Belém, o líder socialista tinha já dado a conhecer a sua intenção de formar o seu Executivo "o mais depressa que constitucionalmente for possível", devendo ser empossado em meados de Março.

A data da posse está dependente da

publicação dos resultados das eleições, após a contagem dos votos dos círculos da Europa e de Fora da Europa, a 2 de Março.

A Comissão Nacional de Eleições (CNE) deverá publicar o mapa nacional da eleição na semana de 7 a 11 de Março e Jorge Sampaio poderá então, nos dias seguintes, dar posse ao XVII Governo Constitucional, depois de uma primeira reunião do novo Parlamento.

DEZ LIÇÕES SOBRE UM ACTO ELEITORAL

O sentido claro da votação constitui um sinal de maturidade democrática, mas também um desafio ao sentido de responsabilidade da nova maioria e de José Sócrates

1. *Uma campanha atípica.* As circunstâncias que rodearam a convocação das eleições antecipadas trouxeram um ambiente de ressentimento dissimulado. Só isso explica o recurso, pela primeira vez de modo sistemático, a uma campanha negativa, que até hoje tinha sido recusada. E havia a dúvida sobre se agora tal iria funcionar, com uma onda de boatos sórdidos. Por outro lado, a vitimização do Governo e em particular do primeiro-ministro foi usada de um modo algo primário e com laivos de populismo "kitsch". A campanha eleitoral do PSD foi conduzida de um modo estranho e inesperado: demorou a arrancar, com o argumento de que se estava perante uma espécie de guerreiro que não precisaria de preparação (talvez por uma poção mágica que a sua aldeia possuía); e depois houve várias interrupções desproporcionadas, que ultrapassaram o entendimento dos analistas mais atentos. E quem tinha a fama de ser imbatível revelou-se displicente, sem determinação nem trabalho

2. *O que estava em causa.* Se o Presidente da República tinha dado o benefício da dúvida ao governo de Pedro Santana Lopes em Julho, com muitas reticências e mil alertas, a verdade é que depressa percebeu (com o país) que não havia consistência governativa e que a instabilidade psicológica do primeiro-ministro e do Governo faziam temer o pior. Num país em crise não pode haver um governo em crise. E se dúvidas houvesse o certo é que as contradições entre o chefe do Governo e o ministro das Finanças a propósito do Orçamento de Estado, o puxão de orelhas público do professor Cavaco Silva e o teor da carta (muito mais do que a demissão em si) do ministro do Desporto constituíram-se detonadores para o agravamento da crise, facto que o Presidente não poderia deixar passar em claro

3. *Uma ideia perigosa.* O primeiro-ministro e o seu partido tornaram-se responsáveis pelo agravamento da crise. Os efeitos imediatos foram o abaixamento dos índices gerais de confiança económica e política e o recrudescer da recessão. Houve quatro ou cinco meses de Governo sem norte. E o eleitorado julgou (como já tinha avisado em Junho) a má prestação económica e as constantes confusões políticas. Perante este estado de coisas, instalou-se a estranha ideia de que estas eleições serviriam apenas para abrir um interregno à espera de umas quantas luminárias, para executar miríficas "reformas estruturais". Felizmente, porém, o discurso messiânico e negativo não funcionou. Ao contrário do que alguns "profetas da desgraça" defendiam, não prevaleceu a lógica neo-sebastianista

4. *A ida às urnas.* Os eleitores, perante uma situação difícil e incerta, acorreram às urnas. A abstenção baixou. Os argumentos elitistas feneceram. As sondagens davam sinais claros quanto ao favorito das eleições — o PS — mas não eram inequívocas quanto à possibilidade de haver uma maioria absoluta de mandatos na Assembleia da República. Quando, em 20 de Fevereiro, todos se deram conta de que os cidadãos estavam a votar em número significativo, então ficou nítida a ideia de que a vontade de mudança estava a sentir-se com determinação

5. *Significado geral de um resultado.* Não se tratou de um voto negativo, mas de uma opção inequívoca pela estabilidade e pela governabilidade. A vitória eleitoral do PS com maioria absoluta de mandatos no Parlamento representou, assim, um forte desejo do país no sentido da mudança e um juízo de recusa em relação ao que estava, não só por causa dos efeitos da governação de Durão Barroso e da sua inesperada e surpreendente partida, mas também em virtude das consequências dramáticas da actuação de Santana Lopes. Esses factores funcionaram em cadeia

6. *O sentido da maioria absoluta.* O sentido claro da votação constitui, assim, um sinal de maturidade democrática, mas também um desafio ao sentido de responsabilidade da nova maioria e de José Sócrates. A crise nacional apenas poderá ser ultrapassada com uma legitimidade inequívoca, que vai obrigar a que as oposições tenham bem presente o interesse nacional, sem prejuízo da necessidade de haver alternativas credíveis e sólidas

7. *Um problema chamado PSD.* A partida de Barroso deixou o partido órfão e a governação dos últimos meses deixou a Administração exangue e a qualidade dos serviços públicos em sério risco. Santana Lopes não uniu o partido e não teve o pulso na governação. Se Durão Barroso não teve capacidade para remodelar o governo nem para consolidar a retoma, o certo é que também não conseguiu legar uma solução estável para o partido. Agora abre-se a necessidade de o PSD se reorganizar. A democracia precisa de um PSD activo, responsável e sólido

8. *Tentando passar pelos pingos da chuva.* O PP sob um forte instinto de sobrevivência, foi-se separando subtilmente do seu aliado PSD — tentando passar despercebido e dizendo que os erros eram dos outros e que os sucessos a ele cabiam. Os cidadãos não distinguiram, porém, e Paulo Portas foi penalizado, perdendo dois deputados — o que não justificaria só por si a demissão, não fora a necessidade de, "em directo" e a "quente", tentar forçar a saída de Pedro Santana Lopes, o que só conseguiria 48 horas depois

9. *Os efeitos da crise social.* Porque uma tão clara reacção do eleitorado? Porque uma vontade tão evidente no sentido da mudança? A crise social, o desemprego, a lógica depressiva, a instabilidade política, a ausência de uma consolidação das finanças públicas assumida como um designio nacional sério e justo, não confundível com uma caça às bruxas, tudo isso determinou um corte entre os cidadãos e a governação — com uma exigência clara de mudança e de responsabilidade. A crise social pesou decisivamente e terá de estar na primeira linha de preocupações do novo Governo

10. *Daqui para a frente.* Os dados estão lançados. Os cidadãos decidiram e estão atentos. Estabilidade e governabilidade têm de se traduzir em actos, em sinais, em decisões. A crise tem de ser ultrapassada com a mobilização de todos. Crescimento, emprego e consolidação das finanças públicas estão na ordem do dia. Rigor, esforço e disciplina têm de ser a regra — em nome da liberdade e da responsabilidade



GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

Opinião

LISTA DE DEPUTADOS ELEITOS

AVEIRO

Manuel Pinho
Maria do Rosário Carneiro
Pedro Nuno Santos
Elísio da Costa Amorim
Afonso Candal
Rosa Maria Albernaz
Armando França
Maria Helena Ferreira Dinis

BEJA

Luís Pita Ameixa
Marcos Perestrello

BRAGA

António José Seguro
Vieira da Silva
Teresa Venda
António Braga
Miguel Laranjeiro
Isabel Jorge
Fernando Moniz
Laurentino Dias
Deolinda Coutinho

BRAGANÇA

Mota de Andrade
Manuel Luís Vaz

CASTELO BRANCO

José Sócrates
Fernando Serrasqueiro
Cristina Granada
Valter Lemos

COIMBRA

Matilde Sousa Franco
Victor Baptista
Maria Antónia Almeida Santos
Horácio André Antunes
Teresa Alegre Portugal
João Raul Moura Portugal

ÉVORA

Carlos Zorrinho
Henrique Troncho

FARO

João Cravinho
José Apolinário
Aldemira Pinho
Miguel Freitas
Luís Carito
Jovita Ladeira

GUARDA

Joaquim Pina Moura
Fernando Cabral

LEIRIA

Alberto Costa
José Miguel Medeiros
Odete João
Osvaldo Castro

LISBOA

Jaime Gama
Manuel Alegre
Maria de Belém Roseira
Jorge Coelho
João Soares
Leonor Coutinho
Eduardo Ferro Rodrigues
Vera Jardim
Ana Paula Vitorino
Rui Cunha
Miguel Coelho
Celeste Correia
José Lamego
José Augusto Carvalho

Custódia Fernandes
Rui Vieira
Pedro Farmhouse
Susana Amador
Ramos Preto
António Galamba
Ana Couto
João Serrano
Humberto Rosa

PORTALEGRE

Miranda Calha
António José Ceia da Silva

PORTO

Braga da Cruz
José Lello
Maria Melo
Fernando Gomes
Alberto Martins
Luísa Salgueiro
Carlos Lage
Augusto Santos Silva
Isabel Pires de Lima
Jorge Strecht Ribeiro
Guilherme D'Oliveira Martins
Maria José Gamboa
Renato Sampaio
Marques Júnior
Paula Cristina Duarte
Manuel Pizarro
José Magalhães
Isabel Santos
José Saraiva (falecido)
Joaquim Couto

SANTARÉM

Jorge Lação
Vitalino Canas
Idália Moniz
Paulo Fonseca
Nelson Baltazar
Fernanda Asseiceira

SETÚBAL

António Vitorino
Joel Hasse Ferreira
Teresa Diniz
Eduardo Cabrita
Vitor Ramalho
Marisa Costa
Alberto Antunes
Arons de Carvalho

VIANA DO CASTELO

Luís Amado
Rosalina Martins
Jorge Gonçalves

VILA REAL

Ascenso Simões
Pedro Silva Pereira
Paula Cristina Santos

VISEU

José Junqueiro
Manuel Maria Carrilho
Cláudia Vieira
Miguel Ginestal

AÇORES

Ricardo Rodrigues
Luiz Fagundes Duarte
Renato Leal

MADEIRA

Jacinto Serrão
Maximiano Martins
Júlia Caré

SÓCRATES INDICADO PARA PRIMEIRO-MINISTRO



Por unanimidade e aclamação, a Comissão Política Nacional ratificou, nos termos dos estatutos, o nome do secretário-geral do PS, José Sócrates, para o cargo de primeiro-ministro. À saída da reunião, o presidente do PS, Almeida Santos, informou os jornalistas que José Sócrates fora indicado como o nome a apresentar ao Presidente da República para a chefia do Governo. Afirmando que "não vai ser fácil" governar na actual situação, Almeida Santos mostrou-se convicto de que "o futuro primeiro-ministro vai formar um bom Governo, que estará à altura das responsabilidades".

Além da designação formal de José Sócrates para o cargo de primeiro-ministro, a reunião da Comissão Política serviu também para a análise da situação política resultante das legislativas de domingo, que deram pela primeira vez uma maioria absoluta ao PS. Na intervenção que efectuou no início da Comissão Política, o secretário-geral do PS congratulou-se com o clima de unidade interna do partido, afirmando esperar que se mantenha durante a governação. "Espero que daqui a quatro meses estejamos todos tão unidos como agora", disse. Depois de esclarecer que não fez qualquer

convite, "nem nenhum telefonema", para formar o seu Governo, desmentindo assim várias notícias especulativas sobre possíveis nomes do futuro Executivo, José Sócrates disse ainda que não o esperam tarefas fáceis, principalmente nos primeiros tempos de governação, comprometendo-se a cumprir o programa eleitoral apresentado pelo PS. Já António Vitorino, questionado pelos jornalistas à entrada para a reunião sobre a hipótese de ir para o Governo, reafirmou que "o Governo não será feito nem pela Comunicação Social, nem na Comunicação Social", acrescentando: "Aguardem uma decisão do engenheiro José Sócrates".

NOVO GOVERNO TÃO BREVE QUANTO POSSÍVEL

"Tão breve quanto possível haverá governo", declarou José Sócrates à saída da audiência com o Presidente da República, no âmbito do processo de indigitação do novo primeiro-ministro. Acompanhado por Almeida Santos, Jorge Coelho e Pedro Silva Pereira, o líder socialista foi preempatório na afirmação de que "os portugueses quiseram que o PS governasse e com o seu programa, que é o que nós nos propomos fazer". José Sócrates sublinhou ainda que "estas eleições confirmaram a justeza da decisão do Presidente da República, sendo evidente que os portugueses queriam mudar de governo". Questionado pelos jornalistas sobre uma data para o referendo sobre a interrupção voluntária da gravidez, José Sócrates disse que não se pode comprometer com uma data em concreto, já que esta "deve ser objecto de uma concertação" entre os partidos com representação parlamentar e o Presidente da República.



"Não quero impor calendários a ninguém, mas o PS não aceita que nos imponham calendários", acrescentou, tendo a propósito recordado a exigência da agenda eleitoral do corrente ano. O líder socialista recusou-se ainda a comentar o abandono de Pedro Santana Lopes da liderança do PSD. Questionado ainda pelos jornalistas sobre as

declarações de Morais Sarmento à saída da reunião com Jorge Sampaio, declarou que as mesmas "eram mais próprias de campanha eleitoral". O Presidente da República recebeu segunda-feira em audiência todos os partidos com representação parlamentar, tendo sido unânime a indicação de José Sócrates para o cargo de primeiro-ministro.

Opinião

UMA VITÓRIA PERFEITA

A paisagem eleitoral portuguesa sofreu um abalo profundo; o PS tem agora uma distribuição eleitoral equilibrada e harmoniosa em todo o território nacional, perpassando por todos os estratos da população portuguesa.



CARLOS LAGE

A vitória eleitoral do PS foi (quase) perfeita: a participação eleitoral elevada, contrariando as previsões pessimistas de todos aqueles que antecipavam uma desvalorização dos resultados em função de um desejado ou receado, conforme os temperamentos políticos, desinteresse ou tédio dos eleitores; uma jornada eleitoral serena num dia de inverno banhado de sol; um veredicto eleitoral de leitura fácil em que os eleitores apontaram um caminho e designaram a

peessoa e o partido que queriam ver a governar Portugal durante quatro anos. José Socrates e o PS tiveram assim o prémio da audácia e da clareza: uma maioria absoluta.

A paisagem eleitoral portuguesa sofreu um abalo profundo; o PS tem agora uma distribuição eleitoral equilibrada e harmoniosa em todo o território nacional, perpassando por todos os estratos da população portuguesa. Facto curioso: o mundo rural, outrora um pouco rebelde ao PS, virou a nosso favor. O PS é hoje mais do que nunca um partido de esquerda moderna que exprime os interesses, as expectativas e os ideais de um país diverso onde a dualidade entre o litoral e o interior deixou de se fazer sentir nos seus resultados eleitorais.

A crise da direita, após de três anos de governação desastrosa, está agora exposta perante os portugueses e vai prolongar-se por muito tempo.

Grandes expectativas e responsabilidades pesam sobre os ombros do próximo primeiro-ministro, José Socrates. Estou certo que ele possui o carácter, a inteligência e a vontade para cumprir com as duas ideias-força da sua campanha eleitoral: mudança, bom governo.

Mudança não apenas na cor política do governo, mas de atitude face aos graves problemas que o país enfrenta. São precisas, para isso, políticas de mudança e um espírito de mudança. Políticas de mudança na saúde, na educação, na justiça, na ciência, no desenvolvimento do território. Espírito de mudança, traduzido no inconformismo perante a estagnação económica do país e um crescente sentimento de declínio e perda face à União Europeia.

Bom governo para enfrentar os problemas e protagonizar a mudança. Bom governo no sentido clássico da expressão, aquele que sabe escolher, adequar os meios aos fins, gerir bem e gastar bem os dinheiros públicos. Também a direita neoliberal se reclama do conceito de "bom governo", mas para esta significa reduzir o papel do Estado ao seu mínimo, confiar ao mercado as decisões e acarinhar o egoísmo individual; não assim para os socialistas que sabem que "bem governar" passa obrigatoriamente pela equidade, pela justiça social e pelo papel interventor e regulador do Estado.

Bem andou o líder do PS em assumir lucidamente e sem complexos o imperativo de um "bom governo para o país".

Bom governo e bons ventos para José Socrates e o PS.

A MUDANÇA PERCORREU PORTUGAL DE LÉS-A-LÉS

O voto de confiança no PS nas legislativas de 20 de Fevereiro mudou por completo o mapa eleitoral em Portugal. À excepção de Leiria e Madeira, em todos os restantes círculos eleitorais o PS foi o grande vencedor. E se em Leiria encurtou a distância para uns meros quatro pontos percentuais, na Madeira igualou o número de mandatos e subiu 10 por cento em relação ao PSD. De assinalar também os resultados de Viseu, Vila Real e Bragança, distritos onde o PS ganhou pela primeira vez. Nesta edição do "Acção Socialista", após a "histórica" vitória, os cabeças de lista do PS fazem a análise política dos resultados nos respectivos círculos eleitorais.

AVEIRO



■ Manuel Pinho, cabeça de lista por Aveiro, diz-se "duplamente feliz" pela "maior vitória de sempre" dos socialistas no distrito e pela "vitória histórica do PS a nível nacional".

Nas eleições legislativas de domingo, os socialistas recuperaram o distrito perdido em 2002 ao elegerem oito deputados (com 41,07 por cento dos votos), contra seis do PSD (35,68 por cento) e um do CDS-PP (9,76 por cento).

"Eu tinha um plano claro que desde o começo foi apoiado pelas estruturas locais e todos os objectivos que nos propusemos foram efectivamente alcançados", disse ao "Acção Socialista" Manuel Pinho, para quem a campanha dos socialistas foi "muito positiva".

"Desde o começo houve uma grande receptividade por parte das populações. As pessoas vinham ter connosco para darem as suas sugestões, no que acabou por ser um diálogo em que

Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Águeda	40,65	35,98	3,55	10,74	4,44	33,07	47,39	2,94	12,33	1,52
Albergaria-a-Velha	33,80	39,81	2,66	14,77	4,21	26,63	49,39	1,74	18,69	1,33
Anadia	32,21	45,65	2,22	10,73	4,13	26,68	55,21	1,60	11,74	1,62
Arouca	30,58	46,65	1,70	13,52	2,93	23,19	56,70	1,14	15,07	1,29
Aveiro	37,42	33,41	3,64	13,65	6,70	31,88	43,91	2,56	15,89	2,72
Castelo de Paiva	53,85	31,34	2,21	4,75	3,48	39,68	48,37	1,31	6,98	1,15
Espinho	45,41	29,34	7,95	6,34	6,02	40,46	38,61	6,40	8,92	2,23
Estarreja	37,14	39,69	4,17	9,07	4,86	30,53	49,81	3,07	12,25	1,59
Sta.Mª. da Feira	49,99	30,69	3,22	6,38	4,87	40,37	42,84	2,50	9,80	1,54
Ilhavo	35,54	39,94	3,56	9,69	6,42	28,42	49,12	2,44	14,47	2,62
Mealhada	52,95	26,96	4,46	4,45	6,53	47,96	35,91	3,99	6,39	2,30
Murtosa	26,41	55,97	2,00	7,53	3,63	18,76	68,01	0,92	8,92	1,43
Oliv. Azeméis	44,48	34,68	2,60	8,82	4,72	36,03	45,66	1,84	12,27	1,44
Oliv. Do Bairro	18,95	53,13	1,63	19,12	2,84	13,56	59,81	1,21	21,64	1,11
Ovar	48,71	27,11	6,25	5,84	7,33	42,29	38,89	4,75	8,18	2,73
S. J. da Madeira	48,87	26,24	5,16	8,70	6,20	42,59	37,42	3,64	10,95	2,62
Sever do Vouga	26,69	48,77	1,96	14,45	3,53	20,98	56,41	1,18	17,73	1,17
Vagos	15,48	61,61	0,89	15,85	2,28	10,61	66,90	0,70	18,49	1,01
Vale de Cambra	37,06	32,74	2,52	16,16	4,77	27,61	40,32	1,46	25,90	1,35
TOTAL	41,07	35,68	3,54	9,76	5,08	33,51	46,33	2,62	12,83	1,81
MANDATOS	8	6	0	1	0	5	8	0	2	0

todos ganhámos", referiu, para depois sublinhar como "histórica" a vitória do PS no distrito onde nasceram os seus pais e tradicionalmente dominado pelo PSD.

"Aveiro é um distrito ideal para o desenvolvimento do plano tecnológico dada a sua forte base distrital, a sua aposta na inovação e no carácter empreendedor da população", considerou Manuel

Pinho, depois de sublinhar a conquista de três mandatos para o PS na próxima legislativa.

"Estou feliz e ciente de que a responsabilidade do Partido Socialista é maior", frisou, para mostrar-se de seguida disponível "a preparar o caminho da próxima batalha eleitoral" das autárquicas.

BEJA



■ Os socialistas de Beja contribuíram significativamente para a maioria absoluta do partido nas legislativas antecipadas do passado domingo. Esta a leitura que o cabeça de lista socialista neste distrito faz dos resultados eleitorais no distrito que consumaram "uma vitória histórica, há muito esperada e merecida".

"Ganhámos. Integramo-nos na maioria absoluta do PS, onde participámos com o quarto melhor resultado nacional dos socialistas — 51 por cento", declarou Luís Ameixa, sublinhando a subida do número dos votos e dos mandatos alcançados em Beja

Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Aljustrel	45,18	6,51	37,38	1,73	4,99	40,87	12,91	36,25	2,49	2,10
Almodôvar	56,79	18,76	10,55	2,46	6,08	45,69	35,69	8,06	3,37	2,29
Alvito	47,08	15,62	24,54	3,28	4,07	40,02	24,09	24,01	5,05	1,71
Barrancos	54,01	11,98	21,02	3,15	2,84	49,64	22,21	15,25	5,73	0,61
Beja	48,81	13,71	23,36	3,92	6,08	41,48	22,60	24,84	3,82	2,64
Castro Verde	50,86	9,49	25,85	2,25	7,29	44,79	16,86	26,16	3,19	3,19
Cuba	47,88	8,41	32,80	2,39	3,08	45,60	16,73	28,94	3,00	1,26
Ferr. do Alentejo	55,13	9,96	22,95	2,92	4,08	48,03	18,90	22,96	3,78	1,87
Mértola	47,52	7,47	32,36	2,17	3,99	42,06	14,47	32,53	2,17	1,32
Moura	59,33	10,08	19,87	2,87	3,60	49,15	18,79	20,97	4,63	1,36
Odemira	55,79	12,68	17,53	3,14	4,60	47,83	21,18	17,66	5,07	1,62
Ourique	49,82	27,60	12,90	2,27	1,93	39,24	38,77	13,06	2,57	1,37
Serpa	41,94	11,04	35,98	2,84	3,83	33,95	19,43	37,52	3,28	1,34
Vidigueira	53,65	12,11	22,10	2,45	4,77	47,46	19,08	21,28	4,25	1,65
TOTAL	51,01	12,28	24,08	2,93	4,74	43,52	21,20	24,25	3,77	1,90
MANDATOS	2	0	1	0	0	2	0	1	0	0

pelo PS que, salientou, "ganhou, pela primeira vez na história da democracia portuguesa, todos os concelhos deste distrito". A vitória alcançada confere, na opinião do deputado eleito, "maior força política ao PS que, a partir de agora, tem um

compromisso acrescido com o país e com a região", frisou, para depois destacar que os socialistas querem assumir e honrar a "grande responsabilidade que têm perante os portugueses do Baixo Alentejo".

BRAGA



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Amares	39,99	38,38	2,95	11,09	3,35	31,78	50,16	2,12	12,38	1,36
Barcelos	37,83	42,29	2,72	8,54	4,20	30,09	54,40	2,28	9,29	1,63
Braga	45,51	27,93	6,98	8,10	6,59	39,98	38,80	6,43	8,73	2,87
Cab. De Basto	54,64	34,00	1,59	4,69	1,52	46,41	44,09	1,52	4,82	0,71
Celorico de Basto	38,78	42,70	1,72	9,92	2,28	28,34	54,53	1,33	12,71	0,62
Esposende	34,43	39,21	3,33	13,17	4,25	26,41	49,93	2,70	16,61	1,37
Fafe	53,56	28,91	4,05	5,31	3,57	43,49	41,20	3,68	7,40	1,11
Guimarães	50,27	25,92	7,42	7,02	5,16	42,20	37,55	7,04	8,59	1,64
Povoa de Lanhoso	45,72	38,35	2,11	7,47	2,15	36,04	50,38	1,69	8,36	0,80
Terras de Bouro	35,15	47,00	2,42	8,45	2,12	27,74	56,89	2,46	9,32	0,83
Vieira do Minho	46,17	38,97	2,63	4,97	3,09	35,03	51,80	2,29	6,75	1,15
VN de Famalicão	48,20	31,98	4,17	7,15	4,49	39,63	43,03	4,06	9,15	1,57
Vila Verde	33,33	45,99	2,43	10,45	2,91	25,07	57,12	2,06	11,88	1,05
Vizela	62,67	17,59	4,84	4,40	5,46	54,57	28,64	5,49	7,44	1,17
TOTAL	45,42	32,88	4,78	7,82	4,61	37,42	44,45	4,38	9,27	1,68
MANDATOS	9	7	1	1	0	8	9	0	1	0

■ Combater o desemprego, o abandono e o insucesso escolar, a par de uma aposta determinada na qualificação das pessoas é o rumo que os socialistas se preparam para dar a Braga, depois de terem conseguido traduzir a confiança das populações do distrito num “excelente resultado eleitoral”. António José Seguro, cabeça de lista pelo PS neste círculo eleitoral, deu por alcançado o objectivo de contribuir e participar

na vitória das legislativas com maioria absoluta. Em conversa com o “Acção Socialista”, Seguro considerou “excelente” o resultado obtido em Braga, salientando que neste distrito o PS subiu cerca de 50 mil votos, relativamente ao sufrágio de 2002, atingiu a maior percentagem de sempre, tendo conseguido metade dos mandatos, ou seja, nove num total de 18.

BRAGANÇA



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Alfândega da Fé	45,34	37,48	1,63	9,62	1,31	33,49	51,01	1,99	10,28	0,70
Bragança	46,36	35,40	2,25	7,35	3,71	32,51	50,69	2,16	9,05	1,36
Carrazeda de Ansiães	36,67	43,68	2,00	10,06	1,86	27,07	55,86	1,50	11,33	0,74
Freixo de Espada à Cinta	50,06	38,00	1,95	4,16	1,66	33,64	53,77	1,24	7,81	0,40
Macedo de Cavaleiros	39,84	37,29	1,67	13,81	2,14	26,80	51,86	1,70	15,10	0,99
Miranda do Douro	44,61	38,45	0,92	8,55	2,10	31,21	54,72	1,13	7,87	0,92
Mirandela	34,63	39,43	3,50	15,53	2,41	22,70	53,81	2,82	16,89	0,74
Mogadouro	37,73	48,39	1,02	6,79	1,43	25,54	61,71	0,86	8,43	0,53
Torre de Moncorvo	46,50	36,56	1,78	8,15	2,35	35,30	50,19	1,64	8,60	1,26
Vila Flor	43,67	38,24	2,58	8,61	2,41	31,74	51,04	1,74	11,71	0,72
Vimioso	40,14	47,85	1,10	4,33	1,66	28,27	61,26	1,49	3,96	0,74
Vinhais	46,42	37,99	1,20	7,55	2,34	36,89	49,78	1,58	7,83	0,88
TOTAL	42,05	38,99	2,03	9,67	2,44	29,72	53,16	1,85	10,87	0,93
MANDATOS	2	2	0	0	0	1	3	0	0	0

■ O Partido Socialista venceu pela primeira vez eleições legislativas no distrito de Bragança. Os resultados atribuem dois deputados ao PS e o mesmo número ao PSD, que perdeu um, mas os socialistas ficaram à frente com 42,05 por cento dos votos, contra 38 por cento dos seus adversários mais próximos. O cabeça de lista do PS e presidente da Federação Distrital do Partido, Mota Andrade, viu assim confirmada nas urnas a convicção que manifestou durante a campanha eleitoral de que “Bragança deixaria de fazer parte do grupo de quatro ou cinco distrito do país feudos do PSD”, prometendo “empenho para que os compromissos assumidos sejam cumpridos”. “Esta vitória histórica do PS é sinal de mudança e sinónimo de

rejeição ao monumental embuste do PSD e do CDS/PP”, afirmou, acusando os governos de direita de abandonar o distrito “durante décadas”. “Esta vitória sem precedentes, nomeadamente em Bragança, é fruto de uma campanha em que tudo se prometeu para depois nenhum compromisso ser assumido e em que se acreditou num novo rumo socialista de desenvolvimento e esperança”, explicou, reafirmando as prioridades apresentadas pelo PS às populações do distrito: mais e melhores acessibilidades, criação de uma Agência Regional para o Investimento a funcionar em rede com a API e incentivos fiscais para as empresas da região.



Bem-vinda à página oficial do
Partido Socialista

www.ps.pt

Partido

Socialista

CASTELO BRANCO



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Belmonte	63,78	20,75	4,23	3,30	3,68	48,33	36,64	3,74	6,56	1,02
Castelo Branco	58,81	23,68	3,33	4,84	4,82	49,80	34,58	2,87	7,11	1,93
Covilhã	64,77	17,37	6,59	3,63	4,05	55,27	26,49	6,41	6,56	1,68
Fundão	58,39	24,91	3,23	4,53	4,07	47,59	37,38	2,89	6,56	1,79
Idanha-a-Nova	59,38	25,99	2,64	4,36	2,05	48,89	38,07	1,77	5,81	0,77
Oleiros	32,55	51,26	0,75	8,65	1,48	22,90	65,38	0,36	7,77	0,52
Penamacor	56,48	24,83	2,50	8,14	2,53	43,16	38,09	1,72	11,17	0,99
Proença-a-Nova	37,34	45,43	0,91	9,66	2,36	27,87	58,70	0,70	8,17	0,70
Sertã	35,69	46,59	1,04	8,17	2,73	28,26	58,91	0,60	8,15	0,58
Vila de Rei	17,47	55,48	1,78	15,17	2,51	66,18	12,95	0,56	15,18	0,68
V. Velha de Rodão	63,27	22,56	4,74	3,06	2,27	56,51	32,65	3,65	3,61	0,45
TOTAL	56,01	26,64	3,77	5,28	3,74	46,07	38,31	3,29	7,16	1,43
MANDATOS	4	1	0	0	0	3	2	0	0	0

■ O PS reforçou a posição de partido mais votado em Castelo Branco, conquistando quatro dos cinco mandatos do distrito, retirando um deputado ao PSD.

No distrito em que o secretário-geral José Sócrates encabeçava a lista, o PS passou de 46,07 para 56,01 por cento dos votos, subindo de três para quatro mandatos.

A dinâmica de vitória em torno de Sócrates e o trabalho das governações socialistas durante a liderança de António Guterres sintetizam, pois, o que os albacastenses exprimiram nas urnas.

"As populações querem voltar ao projecto socialista de desenvolvimento e crescimento encetado em 1995 quando

as obras eram realmente executadas e o investimento público era também uma realidade", declarou o segundo deputado eleito pelo PS neste círculo eleitoral, Fernando Serrasqueira, para quem "os últimos três anos de Governo são a contradição de todos os avanços que se conseguiram antes. "É por isso que os resultados destas legislativas antecipadas consubstancia uma opção clara do povo pelo PS em detrimento do PSD", venceu, manifestando a sua convicção de que as povoações residentes no distrito de Castelo Branco terão como resposta ao seu voto de confiança nos socialistas "um retorno de continuidade num projecto de futuro e de apoio ao desenvolvimento da região".

COIMBRA



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Arganil	41,99	43,72	1,93	5,18	2,60	37,39	49,88	1,73	5,80	1,15
Cantanhede	37,21	43,67	2,33	7,45	4,21	31,53	53,35	2,00	8,54	1,60
Coimbra	45,68	25,34	8,42	6,60	8,77	43,92	35,08	7,77	6,33	3,65
Condeixa-a-Nova	52,29	25,01	6,75	4,14	6,61	46,86	34,98	6,09	5,88	2,48
Figueira da Foz	42,38	34,06	5,91	4,26	7,75	41,71	38,48	5,64	7,28	2,91
Góis	51,63	34,59	1,65	4,05	2,97	44,37	44,47	1,88	4,53	1,12
Lousã	52,86	25,89	3,70	5,29	6,63	49,03	35,05	2,82	6,71	2,69
Mira	44,22	40,44	1,47	5,53	4,19	35,52	50,20	1,30	8,27	1,64
Miranda do Corvo	53,54	28,54	3,96	4,00	4,93	47,47	38,45	3,80	4,98	1,71
Montemor-o-Velho	50,39	28,20	5,92	4,62	5,27	45,51	35,77	5,57	7,51	1,65
Oliveira do Hospital	44,37	39,69	2,08	6,28	2,63	34,15	51,97	1,64	7,74	0,88
Pampilhosa da Serra	45,20	44,07	1,16	3,45	2,13	32,92	57,40	1,04	4,07	0,76
Penacova	44,44	38,25	4,38	5,23	3,01	38,20	48,21	4,15	5,56	1,12
Penela	40,97	44,88	1,32	4,83	2,67	32,53	54,83	1,90	5,38	0,86
Soure	52,06	26,98	5,39	4,04	5,87	46,67	35,95	4,88	6,36	1,69
Tábua	45,99	38,71	1,96	5,59	2,61	37,68	48,96	1,76	6,74	0,99
VN de Poiares	40,16	40,81	3,63	4,41	3,76	49,12	35,36	2,62	6,58	1,90
TOTAL	45,41	31,92	5,51	5,61	6,32	41,32	40,95	5,02	6,71	2,44
MANDATOS	6	4	0	0	0	5	5	0	0	0

■ Matilde de Sousa Franco estreia-se nas lides eleitorais com uma vitória muito disputada e merecida num distrito particularmente difícil para o PS, onde a problemática do tratamento de resíduos industriais perigosos através da co-incineração foi instrumentalizada como arma de arremesso político por parte da direita.

A primeira deputada eleita no círculo de Coimbra para integrar a bancada socialista na Assembleia da República sublinhou que o resultado obtido nas votações do distrito conimbricense (45,41 por cento dos votos escrutinados) traduz-se numa "maioria absoluta ainda maior que a alcançada pelo PS a nível nacional" (45,04 por cento antes de serem conhecidos os resultados dos círculos da emigração).

Apesar de se ter deparado com uma campanha muito agressiva, nomeadamente por parte do CDS, do BE e da CDU, que fizeram tábuas-rasa dos pareceres emitidos por duas Comissões Científicas

Independentes a propósito da co-incineração, os socialistas de Coimbra viram subir de cinco para seis o número dos mandatos, contrariando o sentido negativo de "uma campanha virada para a manipulação das emoções".

"Até em Souselas, que como se sabe é uma freguesia muito sensível a esta temática, a votação no PS também aumentou dois pontos", frisou, salientando ainda a descida de 11 pontos percentuais do PSD nesta localidade comparativamente a 2002. "Trata-se de um voto de confiança no engenheiro José Sócrates e no Partido Socialista", concluiu, sem deixar passar a subida socialista na Figueira da Foz e a sintomática descida laranja, num município onde, considerou, "Pedro Santana Lopes teve uma derrota pessoal".

Já sobre a sede de distrito, "concelho com grande peso intelectual", Matilde de Sousa Franco saudou "uma vitória ainda mais expressiva", sublinhando a descida do PSD.

ÉVORA



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Alandroal	55,49	11,47	26,07	1,38	2,29	46,88	17,06	28,86	3,01	3,01
Arraiolos	43,55	13,27	32,50	1,93	4,27	36,66	19,58	35,35	2,75	1,44
Borba	63,57	13,26	12,71	2,25	4,69	57,22	20,80	13,39	3,66	1,46
Estremoz	51,36	22,15	12,91	4,88	4,23	42,91	32,34	13,56	5,44	1,87
Évora	49,44	18,72	16,92	4,66	5,95	44,44	27,39	16,99	5,30	2,44
Montemor-o-Novo	42,89	13,05	32,46	3,40	3,94	36,21	20,43	34,91	2,99	1,56
Mora	40,09	15,78	32,47	3,42	3,48	34,46	24,93	31,22	3,36	1,13
Mourão	61,78	21,94	5,59	3,42	3,85	52,32	33,37	6,01	4,33	0,50
Portel	50,85	7,73	33,23	1,56	2,37	45,47	14,46	32,96	2,34	0,93
Redondo	49,66	15,93	19,84	3,83	5,85	38,19	26,18	22,98	5,91	2,45
Reg. Monsaraz	61,19	16,80	10,88	2,86	3,67	51,46	28,12	11,54	3,70	1,52
Vendas Novas	41,26	18,68	26,12	4,44	4,39	33,86	27,81	26,31	6,21	1,59
Viana do Alentejo	46,46	12,32	28,62	2,37	4,38	38,69	21,03	29,92	3,03	1,59
Vila Viçosa	53,31	19,68	15,29	4,06	3,94	44,11	28,62	15,02	7,69	1,14
TOTAL	49,68	16,71	20,92	3,71	4,61	42,74	25,30	21,78	4,58	1,77
MANDATOS	2	1	0	0	0	1	1	1	0	0

■ O PS venceu e elegeu dois deputados em Évora, empurrando a CDU para segunda força no distrito, à frente do PSD, e alcançado mais um lugar no Parlamento.

Para Carlos Zorrinho, cabeça de lista socialista no distrito, este resultado segue a tendência nacional e representa mais dez mil votos, uma subida de 8 pontos percentuais para o PS relativamente a 2002 e um destaque de 5 por cento relativamente à média nacional do Partido alcançada no domingo.

“As populações do Alentejo compararam a obra feita na região pelos governos socialistas e o abandono a que foram votadas durante os últimos três anos de coligação de direita, penalizando manifestamente o PSD”, considerou Zorrinho, frisando a

descida dos comunistas no círculo eleitoral e associando este resultado ao facto de a CDU se ter “aliado preferencialmente” ao PSD no panorama distrital e “não ter sabido distinguir”, no seu discurso de campanha, as diferenças existentes entre o projecto socialista e o pessimismo laranja.

“Com uma vitória de mais de 49 por cento no distrito de Évora esperamos que o Alentejo volte a ser uma zona prioritária, que sejam aproveitadas todas as oportunidades que oferta para o desenvolvimento de Portugal e seja considerado novamente uma solução e não um problema para o país”, rematou em conversa com o “Acção Socialista”.

FARO



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Albufeira	45,20	28,92	5,91	6,23	7,34	35,13	44,76	4,51	9,15	2,47
Alcoutim	49,58	31,56	5,99	4,01	3,16	42,46	43,13	5,31	4,06	0,94
Aljezur	56,42	16,21	10,05	4,19	6,19	49,31	25,04	9,72	7,33	2,46
Castro Marim	55,63	25,30	4,34	3,98	5,68	46,01	38,56	6,49	3,88	1,56
Faro	47,47	24,64	7,38	6,28	9,07	40,71	36,82	7,61	7,39	3,65
Lagoa	49,80	23,79	7,24	6,25	7,81	40,09	37,51	5,48	9,72	2,46
Lagos	54,47	18,94	7,16	5,06	8,44	48,18	30,37	6,28	7,46	3,31
Loulé	45,18	31,39	3,88	6,85	6,55	33,65	47,11	3,12	9,06	2,60
Monchique	51,17	27,27	5,73	4,40	5,83	42,65	39,23	6,50	4,14	1,88
Olhão	49,95	22,47	7,34	5,89	8,03	41,22	34,87	5,96	10,88	2,42
Portimão	48,95	23,33	6,49	6,50	9,42	42,02	34,54	5,62	9,62	3,59
S. Brás de Alportel	50,18	26,25	5,94	5,39	6,31	39,40	41,75	5,01	7,76	1,88
Silves	51,35	21,44	10,03	4,71	6,40	39,88	35,64	9,70	7,32	2,12
Tavira	51,14	25,16	4,79	5,57	6,87	41,10	39,25	4,22	7,94	2,52
Vila do Bispo	58,27	20,17	6,01	3,34	7,22	51,49	29,76	5,70	6,24	3,14
VR Sto. António	51,89	17,44	15,25	3,72	7,57	42,96	29,91	14,13	6,88	2,33
TOTAL	49,33	24,57	6,92	5,77	7,66	40,48	37,74	6,22	8,33	2,77
MANDATOS	6	2	0	0	0	4	4	0	0	0

■ Com 49,33 por cento dos votos, o PS conquistou seis dos oito deputados elegíveis pelo círculo de Faro, um resultado que consuma “uma campanha e um sufrágio que correram muito bem” para os socialistas que ganharam em todos os concelhos.

Foi, pois, “o melhor resultado de sempre do PS”, na análise feita pelo cabeça de lista João Cravinho.

“Agora, devemos estar muito atentos ao crescimento do Bloco de Esquerda nos centros urbanos e trabalhar para consolidar

no futuro o eleitorado conquistado”, advertiu, salientando a necessidade de levar a bom porto a nova agenda que os socialistas propõem para desenvolver e fazer crescer o Algarve, centrada em políticas de inovação e projectos estruturantes.

“É preciso preparar a programação dos fundos comunitários que serão afectados a partir de 2007 atendendo à estratégia delineada no manifesto eleitoral que apresentamos às populações algarvias”, rematou.





GUARDA



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Aguia da Beira	33,11	48,24	1,14	10,05	1,90	22,04	60,10	0,70	13,22	0,51
Almeida	43,77	35,78	2,85	8,82	3,01	29,33	51,77	2,76	11,35	0,96
Celorico da Beira	46,91	37,19	1,84	5,90	3,56	27,99	50,75	1,42	11,57	1,11
Fig. Castelo Rodrigo	46,26	40,63	1,68	4,74	1,91	36,60	52,97	1,49	5,65	0,51
Fornos de Algodres	42,37	42,49	1,45	7,34	1,97	30,60	53,44	1,18	10,25	0,86
Gouveia	47,08	35,10	3,79	5,64	3,65	38,74	47,13	2,78	7,21	1,12
Guarda	51,79	27,27	3,00	6,89	4,71	39,83	42,50	2,35	9,86	1,79
Manteigas	53,83	25,72	6,52	4,64	3,58	41,11	37,07	6,28	10,73	1,21
Meda	36,63	45,24	1,54	9,63	1,65	22,70	59,89	1,19	11,86	1,12
Pinhel	39,71	41,06	2,94	8,16	2,65	26,50	55,94	1,60	10,86	1,33
Sabugal	45,26	33,86	2,24	9,03	3,56	31,15	50,13	1,73	11,56	1,13
Seia	50,81	31,04	4,52	5,58	3,52	42,10	42,47	3,45	7,39	1,15
Trancoso	39,99	42,48	1,76	7,75	2,45	28,15	55,42	1,07	9,81	1,11
VN Foz Côa	47,00	38,12	2,21	5,45	2,69	33,86	52,93	1,56	7,46	1,17
TOTAL	46,70	34,64	2,93	6,94	3,40	34,69	48,54	2,22	9,55	1,23
MANDATOS	2	2	0	0	0	2	2	0	0	0

■ “Ótimo” foi o adjetivo empregue por Joaquim Pina Moura, cabeça de lista socialista na Guarda, para descrever o resultado eleitoral do Partido neste distrito.

“O PS conseguiu eleger os dois deputados que ambicionava e subiu dos 34 por cento de votos conquistados há três anos para os recentes 46,6 por cento”, sublinhou, vincando a aparatosa queda laranja que ultrapassou, domingo, os dez pontos percentuais.

Na leitura dos resultados concelhios, os socialistas superaram

as expectativas ao conseguir uma ampla vitória em nove dos 14 concelhos deste círculo eleitoral.

Para Pina Moura, este voto de confiança da Guarda no PS traduzir-se-á na implementação de uma verdadeira política de combate à desertificação da região, no abandono da obscena partidarização do aparelho do Estado e na implementação de uma estratégia de desenvolvimento do interior”.

LEIRIA



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Alcobaça	37,37	40,25	3,83	7,67	5,08	31,14	50,87	3,97	8,17	1,95
Alvaiázere	19,42	64,51	0,53	9,40	1,58	14,93	73,01	0,40	8,45	0,68
Ansião	31,06	53,19	1,20	8,05	2,01	25,07	62,30	1,00	7,95	0,82
Batalha	27,01	48,31	1,23	12,79	4,33	20,40	57,98	1,03	15,10	1,78
Bombarral	39,07	32,29	7,03	11,51	4,52	31,26	44,08	5,61	14,12	1,91
Caldas da Rainha	38,48	36,0	3,99	9,25	6,76	32,19	47,76	3,28	10,74	2,74
Castanheira de Pêra	60,26	28,95	1,86	2,40	2,17	53,07	36,07	1,60	4,49	1,15
Figueiró dos Vinhos	39,08	47,59	1,56	5,07	1,93	29,49	59,47	0,73	6,27	0,67
Leiria	30,72	43,07	2,52	11,78	5,68	25,26	54,26	2,07	12,22	2,47
Marinha Grande	43,07	17,57	18,33	4,01	11,49	39,22	25,89	19,57	6,58	3,90
Nazaré	50,48	26,60	6,21	4,46	8,05	43,99	36,78	6,27	6,53	3,50
Óbidos	45,01	33,96	4,25	6,56	5,03	37,44	47,12	3,07	7,30	1,60
Pedrógão Grande	31,71	55,00	0,82	4,61	1,57	24,45	65,98	0,72	4,93	0,61
Peniche	45,87	26,21	11,43	6,11	5,44	41,69	35,58	8,62	8,31	2,22
Pombal	29,53	51,65	1,44	8,17	3,85	22,79	62,92	1,05	8,30	1,65
Porto de Mós	36,24	39,38	2,89	10,66	4,53	27,70	52,79	2,11	11,73	1,98
TOTAL	35,58	39,80	4,59	8,85	5,54	29,46	50,78	4,11	9,83	2,22
MANDATOS	4	5	0	1	0	3	6	0	1	0

■ No panorama nacional, este é o distrito que foge à regra. Mesmo assim, como muito bem sublinha Alberto Costa, conseguiu-se “um encurtar de distâncias” e um “sinal de “esperança na mudança” ao passar-se de um diferencial de mais de 51 mil votos nas últimas legislativas para pouco mais de 10 mil no sufrágio do passado dia 20.

“Em 2002 o PSD teve mais 20 por cento que o PS, mas agora só contam com mais 4 pontos percentuais de avanço. Não conseguimos eleger o quinto deputado, mas ganhámos mais um, passando de três para quatro mandatos”, lembrou, destacando de seguida o terreno hostil em que os socialistas levaram a cabo uma campanha “activa, enérgica e empenhada”

em inverter uma situação que se mantém desde os primórdios da democracia portuguesa.

“Sabíamos que o desafio tinha contornos particularmente difíceis. O PS nunca ganhou uma eleição legislativa no distrito de Leiria desde 1976”, frisou, para depois assinalar que “pela primeira vez, ficou patente uma receptividade considerável às propostas socialistas por parte de certos grupos, nomeadamente, dos empresários”.

“Agora é preciso criar laços mais estreitos de contacto com as populações da região, darmos continuidade ao trabalho encetado e melhorarmos para ficarmos cada vez mais próximos de uma futura vitória”, concluiu Alberto Costa.

LISBOA



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Alenquer	50,51	19,95	12,74	5,04	6,01	44,65	29,62	12,29	6,60	2,41
Arruda dos Vinhos	49,70	23,90	8,83	5,29	7,18	41,40	36,54	8,45	6,13	2,98
Azambuja	51,49	17,12	13,75	4,37	7,70	44,31	26,74	13,52	7,02	3,32
Cadaval	46,37	32,78	4,20	6,58	4,43	37,59	45,23	3,08	8,34	1,77
Cascais	38,70	28,05	6,81	12,51	8,39	33,36	42,09	6,11	10,35	4,59
Lisboa	42,48	24,84	8,23	10,54	8,71	37,62	38,03	7,11	8,75	5,11
Loures	46,70	19,33	14,67	5,35	8,05	41,10	29,34	13,40	7,18	4,18
Lourinhã	37,32	40,46	2,60	9,15	4,50	27,76	53,92	1,74	11,10	2,01
Mafra	43,77	31,12	5,00	6,98	6,89	35,97	43,95	3,79	8,81	2,98
Oeiras	40,91	25,81	7,68	10,21	9,89	36,52	38,76	6,91	8,51	5,92
Sintra	45,14	22,17	9,79	6,99	10,21	39,47	33,86	8,61	9,09	4,96
Sob. Mte. Agraço	45,51	19,63	15,68	5,18	6,71	37,53	28,73	17,63	7,38	3,05
Torres Vedras	44,29	29,60	7,74	6,56	6,10	37,81	41,34	6,82	7,66	2,82
VF de Xira	48,04	16,17	16,62	4,76	9,27	43,71	25,07	16,22	6,65	4,35
Amadora	46,76	20,45	12,09	5,87	9,37	41,10	30,76	11,43	7,90	4,77
Odivelas	47,38	22,43	9,74	5,76	8,95	41,02	33,43	8,95	8,16	4,32
TOTAL	44,13	23,63	9,75	8,22	8,76	38,65	35,64	8,77	8,46	4,65
MANDATOS	23	12	5	4	4	20	18	4	4	2

■ Jaime Gama considera que os portugueses reagiram com “inteligência” nas eleições legislativas ao darem maioria absoluta ao PS, demonstrando que perceberam as “insuficiências” do sistema eleitoral e a “necessidade de estabilidade” política.

Ao referir-se aos resultados no distrito de Lisboa, Jaime Gama sublinhou que os socialistas conseguiram uma “subida significativa” nos número de votos e de deputados eleitos (de 20 em 2002 passou-se a 23 no passado domingo), destacando que o escrutínio “ficou ao nível dos melhores resultados de sempre, contribuindo de forma decisiva para a maioria absoluta”. “Em todos os grandes centros urbanos conseguimos um

apoio expressivo, conseguindo ainda ficar acima do PSD em todos os concelhos do distrito, à exceção da Lourinhã, referiu, considerando “muito significativa” a “consolidação das posições socialistas em Lisboa, Sintra, Amadora, Loures, Vila Franca de Xira, Oeiras e Cascais”.

Descrevendo como “pesadíssima” a derrota eleitoral sofrida pelo PSD no distrito em que o cabeça de lista laranja era o próprio Santana Lopes, Jaime Gama elogiou a dinâmica da campanha desenvolvida pelo PS que se consubstanciou numa “muito expressiva subida dos resultados face a 2002”, tendo sido criada uma “força vencedora que espero venha a reflectir-se nas autárquicas e nas presidenciais”.

PORTALEGRE



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Alter do Chão	51,17	22,69	13,96	4,87	4,09	41,26	31,29	14,34	7,67	1,48
Arronches	58,40	19,88	10,36	4,50	3,14	47,48	33,33	9,00	5,20	1,18
Avis	33,28	13,93	42,30	2,42	4,51	27,73	21,33	42,44	3,31	1,44
Campo Maior	58,72	11,83	19,72	2,20	4,68	51,97	19,40	19,78	4,34	1,26
Castelo de Vide	55,48	24,18	5,96	4,02	5,27	44,64	37,25	6,71	5,85	2,13
Crato	56,73	18,13	13,88	3,66	2,96	45,84	29,35	14,54	4,86	1,21
Elvas	63,14	16,85	5,09	6,03	5,44	52,72	27,37	5,52	8,84	1,84
Fronteira	53,07	24,40	9,80	3,71	4,32	41,86	36,90	9,66	7,01	1,18
Gavião	64,60	15,09	8,76	2,82	4,00	55,73	25,60	8,38	5,01	1,19
Marvão	56,64	24,45	3,20	6,45	3,89	46,63	38,49	2,08	7,93	1,24
Monforte	58,93	15,38	13,49	3,77	3,92	46,21	22,59	17,39	7,74	2,08
Nisa	54,80	22,16	10,34	3,80	3,84	43,03	32,60	11,78	6,93	1,21
Ponte de Sôr	49,65	16,95	21,01	3,41	4,92	41,84	25,68	21,50	5,44	1,54
Portalegre	53,43	27,07	5,68	4,85	5,03	44,65	38,42	5,18	6,85	1,95
Sousel	47,83	25,86	16,18	2,53	3,38	37,57	35,56	16,35	5,20	0,87
TOTAL	54,80	20,26	12,09	4,22	4,60	45,28	30,61	12,40	6,45	1,57
MANDATOS	2	0	0	0	0	2	1	0	0	0

■ Miranda Calha destaca como “particularmente relevante” o facto de os dois deputados eleitos pelo círculo de Portalegre pertencerem a “uma só força política, o PS”, o que “acontece pela primeira vez” e é “caso único a nível nacional”.

O resultado “extremamente positivo” alcançado pelo PS em Portalegre reflectiu, segundo Miranda Calha, a “grande situação de desânimo no país”, mas também o

“reconhecimento pelo grande trabalho desenvolvido pelos socialistas na região”.

Ou seja, sublinhou, o PS realizou uma “campanha pela positiva” com base nos contactos directos com a população e instituições e no debate dos “grandes problemas” que afectam o distrito, após o ostracismo a que foi votado nos últimos três anos de governação da direita.

PORTO



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Amarante	52,45	31,83	2,46	5,00	4,14	42,13	44,92	2,23	6,04	1,67
Baião	59,27	29,35	1,88	3,50	1,71	45,77	42,02	1,88	6,39	0,50
Felgueiras	50,51	32,25	3,16	5,89	3,97	38,17	47,60	2,78	7,76	0,97
Gondomar	49,28	24,11	8,23	4,91	7,80	42,72	35,87	7,06	7,77	2,87
Lousada	53,09	31,48	3,20	4,66	3,43	41,96	44,73	3,08	6,53	1,01
Maia	48,37	26,38	5,14	6,48	8,18	41,40	38,52	4,54	8,64	3,34
Marco de Canavezes	48,77	32,04	2,75	8,66	3,55	35,28	45,99	2,25	12,52	1,04
Matosinhos	52,78	22,04	5,92	6,00	8,76	48,09	32,19	5,42	7,46	3,71
Paços de Ferreira	42,50	39,98	3,13	7,31	2,71	31,83	53,76	2,53	8,52	0,93
Paredes	41,63	37,89	3,41	8,23	3,54	31,39	51,76	2,66	10,19	1,04
Penafiel	50,06	31,21	3,92	6,26	3,73	38,99	45,16	3,22	8,09	1,23
Porto	44,31	25,98	7,11	9,90	8,42	41,29	37,38	5,85	8,77	4,10
Póvoa de Varzim	36,98	38,23	3,59	11,29	5,51	29,74	49,18	2,72	13,62	2,26
Santo Tirso	54,70	25,65	4,24	6,35	5,11	45,61	38,59	3,81	7,48	1,68
Valongo	50,29	25,35	4,94	6,94	7,36	42,88	37,78	5,54	7,68	2,68
Vila do Conde	50,96	29,47	3,71	5,82	5,67	43,07	40,90	3,19	7,79	2,26
VN de Gaia	49,93	24,94	6,25	5,93	8,01	43,24	36,66	5,35	8,28	3,20
Trofa	44,78	34,50	3,62	7,14	4,92	34,73	49,38	2,85	8,55	1,49
TOTAL	48,54	27,79	5,42	6,82	6,69	41,24	39,98	4,62	8,41	2,69
MANDATOS	20	12	2	2	2	17	16	1	3	1

■ O aumento de 100 mil votos conseguidos pelo PS no distrito do Porto em relação às legislativas de 2002 constitui um "resultado muito agradável", considera Braga da Cruz. Para o excelente "score" obtido, o cabeça de lista socialista aponta como factor fundamental a campanha socialista que foi centrada num "debate profundo" com diversas instituições sobre as principais temáticas que afectam o distrito. Assim, acrescentou, o debate de questões como o elevado nível de desemprego, um dos maiores do país, a

funcionalidade das infra-estruturas e a alta taxa de abandono escolar, "acabou por ter eco junto das populações". Por isso, concluiu Braga da Cruz, os resultados obtidos pelo PS mostram que "vale a pena fazer um trabalho sério e rigoroso de análise dos problemas, na procura de soluções". A taxa de abstenção no distrito, 30,8 por cento, a mais baixa do país, é também apontada por Braga da Cruz como um facto "extremamente positivo".

SANTARÉM



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Abrantes	54,32	20,18	7,14	5,35	7,52	46,91	30,32	7,34	7,79	3,15
Alcanena	41,25	29,63	8,90	8,44	6,22	34,43	41,09	8,66	9,36	2,23
Almeirim	56,81	18,20	10,29	4,57	5,40	46,69	28,43	10,78	7,92	2,44
Alpiarça	47,49	8,73	31,81	3,26	4,63	42,99	15,35	32,42	3,53	2,43
Benavente	44,31	18,19	17,88	5,90	8,11	35,57	28,81	18,98	9,23	3,48
Cartaxo	53,09	18,76	9,78	5,12	7,78	45,48	29,89	9,11	7,96	3,17
Chamusca	55,40	14,16	15,04	5,45	5,11	45,64	23,95	16,67	7,56	1,98
Constância	59,57	13,81	10,33	4,65	6,73	50,00	23,45	11,70	7,80	1,88
Coruche	49,58	15,75	21,48	4,03	4,73	41,88	24,67	20,98	7,76	1,48
Entroncamento	47,38	20,86	7,07	6,71	12,80	42,62	31,71	7,83	8,01	6,44
Ferreira do Zêzere	38,13	41,32	1,93	8,57	3,37	28,08	56,95	1,44	9,17	0,82
Golegã	49,00	17,70	15,86	6,45	6,02	46,09	24,71	14,04	9,28	2,29
Mação	43,51	36,13	3,24	7,69	3,73	35,59	48,12	3,17	7,56	1,27
Rio Maior	40,36	36,40	3,33	9,56	4,48	31,13	50,20	2,95	10,13	1,66
Salvaterra de Magos	54,45	16,59	10,65	4,72	8,57	42,51	27,96	11,37	7,93	5,78
Santarém	48,15	25,09	8,46	7,18	6,26	39,79	36,94	8,71	8,22	2,81
Sardoal	45,36	32,84	7,12	3,31	5,50	34,94	47,35	2,98	8,99	2,01
Tomar	43,67	30,76	4,58	7,63	6,94	36,81	44,12	3,97	8,67	2,58
Torres Novas	48,55	23,55	8,50	5,19	8,72	43,85	32,92	8,21	7,24	4,04
VN da Barquinha	52,10	19,50	8,55	6,94	7,52	47,40	29,86	7,56	7,68	3,03
Ourém	24,04	52,88	1,34	12,82	3,30	16,68	67,40	1,33	10,62	1,28
TOTAL	46,14	26,39	8,62	6,93	6,53	38,38	38,12	8,54	8,40	2,79
MANDATOS	6	3	1	0	0	4	4	1	1	0

■ O aumento de dois deputados socialistas no distrito de Santarém, "sendo ambos retirados aos partidos da coligação de direita, PSD e CDS/PP", é realçado por Jorge Lácio, acrescentando que "deste modo o CDS/PP deixa de ter representação distrital". Acresce que, continua Lácio, o PS passa a ter o dobro de deputados (seis) que o PSD (três) – que perde 12 por cento

dos votos em relação a 2002 –, colocando-se numa situação de "maioria absoluta muito clara, mas também muito responsabilizante". Jorge Lácio releva ainda o facto dos resultados registados em Santarém terem acompanhado o processo de crescimento geral do partido no país, o que se traduziu numa "vitória eleitoral de grande significado para o distrito".

SETÚBAL



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Alcácer do Sal	52,58	9,07	25,49	3,06	5,71	43,39	15,41	29,77	3,98	2,54
Alcochete	45,25	16,10	20,29	4,22	8,84	43,14	24,33	19,01	6,64	3,38
Almada	43,90	17,87	17,42	5,59	10,29	39,83	26,70	17,63	6,79	5,22
Barreira	42,77	11,51	27,22	3,20	11,04	40,98	18,02	27,86	5,06	4,67
Grândola	46,85	13,47	26,95	2,90	5,64	42,74	21,39	26,56	3,19	2,53
Moita	39,29	12,46	28,81	3,52	11,12	36,06	19,13	29,40	6,26	4,86
Montijo	46,82	19,26	14,19	5,32	8,93	41,39	29,81	14,06	7,17	3,53
Palmela	44,17	15,88	18,85	5,23	9,90	37,77	25,69	20,35	7,79	3,77
Santiago do Cacém	45,23	15,95	20,77	4,89	7,89	40,40	25,15	20,86	5,70	3,52
Seixal	43,48	16,74	18,52	5,64	10,56	38,80	25,61	19,01	7,87	4,70
Sesimbra	44,20	18,50	15,53	5,63	10,44	38,94	28,72	15,24	8,25	4,47
Setúbal	43,11	17,77	16,33	6,34	11,40	37,67	27,75	17,64	8,14	5,27
Sines	45,92	14,44	21,38	3,96	9,14	40,00	24,04	21,75	5,57	4,25
TOTAL	43,71	16,05	19,94	5,05	10,24	39,29	24,75	20,54	6,87	4,62
MANDATOS	8	3	3	1	2	7	5	4	1	0

■ Em Setúbal o PS “reforçou a sua posição de partido líderante, elegendo oito deputados e desta forma contribuindo para a maioria absoluta do partido à escala nacional”, sublinhou António Vitorino, considerando que “a expressiva votação no PS, em todos os concelhos, demonstrou que os eleitores compreenderam claramente a mensagem de confiança, rigor e esperança que lhes transmitimos”. Para o cabeça de lista socialista, ao votarem, os portugueses, “também aqui, confirmaram que só um poder estável pode

enfrentar com sucesso as dificuldades com que nos defrontamos, o desemprego, a pobreza, a renovação do tecido produtivo e a qualificação dos cidadãos”. Por isso, concluiu António Vitorino, “ao sair vencedor em todos os concelhos o capital de confiança do PS permite agora encarar as eleições autárquicas como o próximo desafio no distrito, ganhando autarquias que reforçarão a cooperação entre o poder central e o poder local no sentido de fazer de Setúbal um distrito de excelência como defendemos durante a campanha eleitoral”.

VIANA DO CASTELO



Concelho	2005 Distribuição dos votos (%)					2002 Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Arcos de Valdevez	39,30	44,56	1,61	6,96	2,65	30,19	56,64	1,07	6,73	0,97
Caminha	48,54	29,94	5,17	6,06	5,32	39,69	44,02	4,45	6,09	2,36
Melgaço	54,40	30,69	1,20	7,11	2,45	44,47	44,43	0,83	5,78	1,10
Monção	39,60	36,54	1,66	13,81	3,68	35,63	45,97	1,39	11,96	1,55
Paredes de Coura	51,48	30,69	3,19	5,30	4,81	41,90	44,37	2,51	5,47	1,65
Ponte da Barca	45,13	39,94	1,81	7,35	2,29	36,50	50,59	1,48	7,34	1,06
Ponte de Lima	29,54	38,08	2,71	21,68	3,00	23,69	50,44	2,21	18,70	1,10
Valença	41,75	38,28	2,69	8,91	3,20	33,94	49,46	1,98	10,07	1,11
Viana do Castelo	44,79	27,59	6,48	10,18	6,44	39,34	39,28	6,16	9,09	2,53
VN de Cerveira	50,60	32,10	1,80	6,80	4,34	42,29	43,70	1,71	7,02	1,67
TOTAL	41,97	33,50	3,96	11,40	4,51	35,28	45,52	3,49	10,27	1,76
MANDATOS	3	2	0	1	0	3	3	0	0	0

■ Nas eleições de domingo passado, “ganhámos em oito dos dez concelhos do distrito, nalguns dos quais conseguimos obter um número de votos que nunca tínhamos tido”, sublinhou Luís Amado. Para o cabeça de lista socialista, os resultados obtidos nestas legislativas, em que o PS passou a ser a primeira força política em Viana do Castelo, abrem também “boas perspectivas para as

eleições autárquicas de Outubro”. Com 41,9 por cento dos votos e três deputados eleitos, o PS alcançou um resultado que, segundo Luís Amado, “corresponde às expectativas e objectivos traçados de ser o partido mais votado” no distrito de Viana do Castelo, onde o PSD perdeu 12 pontos percentuais e um deputado.



Bem-vinda à página oficial do
Partido Socialista

www.ps.pt

Partido
Socialista

VILA REAL



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Allijó	49,39	35,54	2,56	5,84	2,27	34,21	51,50	1,77	8,12	1,03
Boticas	34,72	53,10	2,30	3,86	1,05	26,13	63,78	2,17	3,96	0,26
Chaves	41,85	41,87	2,79	6,37	2,46	28,41	58,49	2,12	6,72	0,92
Mesão Frio	50,38	36,37	1,62	5,75	2,15	35,50	50,75	1,24	9,27	0,81
Mondim de Basto	36,16	41,12	1,81	15,71	1,90	25,82	53,25	1,79	15,68	0,76
Montalegre	48,28	41,66	1,08	3,96	1,72	38,55	52,87	1,22	3,86	0,59
Murça	40,95	41,39	1,17	8,71	2,40	29,46	54,11	1,32	10,72	1,08
Peso da Régua	54,09	27,88	4,68	5,85	3,46	42,62	41,40	3,14	8,54	1,35
Ribeira da Pena	45,34	42,52	0,98	7,67	0,63	36,51	52,43	0,79	7,34	0,27
Sabrosa	44,59	40,50	2,29	6,38	1,90	32,61	53,96	1,57	7,85	0,57
Sta.M. Penaguião	55,01	32,17	2,01	4,54	2,61	42,99	44,57	1,71	7,73	0,58
Valpaços	30,31	54,36	1,08	8,47	1,22	17,94	70,82	0,63	7,27	0,40
V P de Aguiar	42,18	41,96	2,81	7,14	1,66	32,30	51,39	2,33	10,16	0,50
Vila Real	44,58	37,79	2,94	6,81	3,42	33,40	50,39	2,64	9,13	1,31
TOTAL	43,84	40,27	2,47	6,76	2,39	31,84	54,13	1,97	8,07	0,87
MANDATOS	3	2	0	0	0	2	3	0	0	0

■ Numa análise à vitória histórica do PS em Vila Real, onde passou a ser a primeira força política, Ascenso Simões destaca a “consolidação” do nosso partido ao nível do sul do distrito, uma zona marcada pela “grave crise” da região demarcada do Douro, onde os autarcas socialistas realizaram um “bom trabalho”, bem como a subida eleitoral no norte do distrito, Alto Tâmega, resultante da “grande capacidade” de apresentar propostas como a prestação extraordinária para os idosos mais pobres, uma medida de grande impacto social,

numa região envelhecida.

Ascenso Simões aponta ainda como determinante para o êxito do PS neste distrito, onde obteve mais 15 mil votos que o PSD e elegeu três deputados, o facto de se ter apresentado nestas legislativas a “melhor lista de sempre”.

É que, explicou, “a nossa lista foi bem construída, com pessoas de grande qualidade e com elevada consideração e provas dadas na sociedade onde intervêm”.

VISEU



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Armamar	32,14	46,80	4,02	9,01	2,41	21,54	59,70	1,67	13,44	0,52
Carregal do Sal	37,87	43,82	1,51	9,18	2,90	28,58	54,05	1,27	11,95	1,13
Castro d'Aire	38,15	43,96	1,70	9,47	1,97	28,45	56,41	1,06	10,13	0,95
Cinfães	50,58	33,26	1,91	7,50	2,50	38,46	47,55	1,39	9,05	0,80
Lamego	44,54	35,75	3,07	9,39	3,12	34,48	48,79	2,20	10,36	1,45
Mangualde	45,19	37,17	2,34	7,34	3,39	34,15	50,64	1,81	9,46	1,19
Moimenta da Beira	43,27	37,42	2,36	10,10	2,53	31,62	48,90	1,63	13,79	1,11
Mortágua	41,21	41,84	1,92	5,61	3,67	33,36	52,67	1,87	6,40	1,89
Nelas	39,56	32,39	1,85	7,20	3,65	31,27	51,79	1,56	10,15	2,23
Oliveira de Frades	33,67	46,14	2,17	10,07	2,90	25,16	56,69	1,24	12,97	1,28
Penalva do Castelo	40,73	42,63	2,37	6,72	2,56	27,65	56,19	1,45	10,18	1,23
Penedono	41,11	40,94	3,78	5,83	3,11	31,01	54,01	2,09	7,26	1,80
Resende	53,37	34,51	1,79	4,07	1,40	45,07	43,65	1,23	6,16	0,51
Sta. Comba Dão	38,83	44,70	1,50	6,40	3,51	31,95	55,07	0,99	7,32	1,54
S. João da Pesqueira	45,28	38,87	2,93	5,21	3,11	29,61	52,43	1,91	11,07	0,91
S. Pedro do Sul	45,33	35,89	3,35	6,58	3,43	34,89	49,20	2,47	8,58	1,35
Sátão	34,51	45,06	0,97	12,32	2,15	24,93	55,05	0,62	15,00	0,85
Sernancelhe	37,24	43,44	1,24	11,45	1,99	29,43	53,92	0,61	12,79	0,77
Tabuaço	40,23	39,28	1,79	12,60	2,26	29,83	49,10	0,99	16,33	0,89
Tarouca	42,36	39,48	3,00	8,16	2,28	32,78	50,76	2,61	9,04	1,11
Tondela	33,25	46,61	2,06	9,51	3,17	25,56	56,85	1,56	11,94	1,20
VN de Paiva	30,53	44,56	1,45	14,82	3,09	28,52	53,93	0,98	12,61	1,05
Viseu	38,79	40,13	2,28	9,08	4,81	31,30	51,34	1,37	10,93	2,28
Vouzela	39,65	41,39	2,31	9,20	3,17	28,89	55,39	1,83	10,18	1,31
TOTAL	40,40	40,19	2,24	8,64	3,33	31,23	52,17	1,53	10,64	1,44
MANDATOS	4	4	0	1	0	3	5	0	1	0

■ “A grande vontade de mudança” a que os socialistas souberam dar corpo, estabelecendo uma relação de “confiança” com o eleitorado, foi a razão avançada por José Junqueiro para explicar a façanha histórica de pela primeira vez o PS ter vencido no distrito de Viseu, um antigo bastião laranja.

“O PS apresentou uma lista renovada, com pessoas de grande qualidade profissional, académica e política, e soube mobilizar os melhores quadros da sociedade civil da região, encontrando soluções concretas para os problemas concretos através de uma análise rigorosa do distrito”, sublinha o cabeça de lista socialista.

Para além disso, adiantou Junqueiro, o PS fez uma “longa campanha de 50 dias”, contactando com as populações e visitando empresas, instituições e agricultores, sendo de destacar a acção no Douro Sul, “onde acabámos por ganhar sete dos dez concelhos”. Mas, “por ironia”, um dos factores que mais “ajudaram” o PS, segundo Junqueiro, foi a “campanha agressiva e arrogante” do PSD, que “martirizou” o distrito com mais de 50 viagens governamentais para assinar dezenas de protocolos. Assim, “os viseenses souberam premiar a seriedade e penalizar o aspecto puramente propagandístico”, concluiu.

AÇORES



Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Lagoa	60,75	27,60	1,38	2,97	2,70	48,36	38,48	1,11	7,61	1,16
Nordeste	49,36	39,12	1,03	3,10	1,71	39,46	47,27	0,79	8,63	0,69
Ponta Delgada	52,70	32,86	2,26	3,75	3,92	39,72	45,64	1,65	8,35	1,91
Povoação	52,34	39,13	0,79	1,54	1,88	37,20	51,24	0,35	7,94	1,04
Ribeira Grande	57,23	30,82	1,44	2,54	3,54	41,67	44,54	1,14	8,09	2,06
VF do Campo	56,41	33,09	0,92	3,40	1,69	38,66	43,89	0,88	13,26	0,68
Vila do Porto	65,75	22,63	1,82	2,64	3,36	54,43	33,42	1,34	6,29	2,15
Angra do Heroísmo	56,83	30,66	1,03	5,30	3,47	47,10	39,30	0,86	8,78	1,75
Calheta	33,93	56,30	0,50	4,94	1,00	23,41	66,22	0,46	7,48	0,57
Sta. Cruz da Graciosa	52,92	41,45	0,19	1,51	1,02	35,73	57,82	0,32	3,39	0,64
Velas	42,37	42,41	1,34	8,64	1,95	28,46	53,35	1,28	13,41	1,57
Praia da Vitória	52,81	35,70	0,78	5,47	2,50	41,28	45,60	0,67	9,78	0,76
Corvo	47,49	17,81	0,00	23,29	2,74	24,12	20,62	0,00	42,41	2,72
Horta	46,52	37,74	5,16	3,97	2,64	40,56	45,75	4,43	5,22	1,06
Lajes das Flores	45,54	41,34	3,54	2,89	2,10	37,20	45,42	5,66	8,36	0,40
Lajes do Pico	52,13	41,33	0,77	2,00	1,23	40,48	51,35	0,66	4,63	0,98
Madalena	43,91	47,36	1,21	2,24	1,52	35,48	55,08	1,66	4,94	0,68
Sta. Cruz das Flores	57,88	21,50	4,30	9,26	2,43	43,78	30,58	4,94	16,52	0,86
S. Roque do Pico	50,63	39,52	2,08	2,46	1,45	40,79	49,34	1,08	6,02	1,08
TOTAL	53,13	34,41	1,70	3,98	2,91	40,96	45,36	1,40	8,37	1,41
MANDATOS	3	2	0	0	0	2	3	0	0	0

■ O crescimento de 40 para 53 por cento dos votos socialistas nos Açores em relação às legislativas de 2002 constitui "uma grande vitória", afirmou Ricardo Rodrigues, salientando que com os "excelentes resultados" obtidos, o PS/Açores ganhou três assentos na Assembleia da República, mais um do que tinha obtido em 2002, retirado ao PSD. O cabeça de lista destaca também como particularmente

significativo o facto de oito das nove ilhas da região autónoma "serem socialistas", bem como as vitórias alcançadas em 16 dos 19 concelhos. Por outro lado, frisou, "o 'score' alcançado pelo PS nos Açores que "é dos primeiros a nível nacional", tem como consequência "uma maior responsabilidade dos socialistas, que esperamos estar à altura".

MADEIRA



■ Também na Madeira há uma relação de confiança que começa a estabelecer-se entre o eleitorado e o Partido Socialista. Para as próximas autárquicas, a dinâmica de crescimento verificada nas legislativas, segundo Jacinto Serrão em resposta ao "AS", tem de passar por uma "verdadeira dinâmica de poder em toda a região".

De que forma os resultados eleitorais das legislativas de domingo na Madeira podem influenciar a dinâmica socialista nas próximas autárquicas?

O resultado histórico que obtivemos nesta eleições na Madeira não aparece isolado. Vem na sequência de dois

outros resultados excelentes que tivemos nas eleições europeias e nas regionais. Tanto numas como noutras obtivemos os melhores resultados de sempre do PS na Madeira. Portanto, este empate com o PSD vem na sequência de uma clara dinâmica de crescimento que o PS imprimiu neste meu primeiro mandato. Este crescimento vai continuar a verificar-se. Contudo, para obtermos os resultados que todos queremos nas autárquicas, não basta uma dinâmica de crescimento como a que vimos nas últimas eleições, é preciso mais, é preciso uma verdadeira dinâmica de poder em toda a região e, obviamente, o apoio inequívoco do PS nacional para

Concelho	2005					2002				
	Distribuição dos votos (%)					Distribuição dos votos (%)				
	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE	PS	PSD	CDU	CDS-PP	BE
Calheta	15,23	64,77	1,16	13,06	1,44	8,32	68,21	0,73	19,38	0,99
Câmara de Lobos	25,90	56,02	3,35	6,17	2,44	17,35	65,34	2,06	10,39	1,91
Funchal	38,07	38,21	5,25	6,84	5,15	28,84	46,39	3,86	12,86	4,70
Machico	51,49	38,56	1,49	2,49	2,35	42,54	47,30	0,78	5,88	1,52
Ponta do Sol	30,27	53,96	1,34	7,40	2,47	15,61	63,24	0,67	16,80	1,55
Porto Moniz	30,25	59,83	0,67	3,67	1,00	23,55	63,68	0,44	8,70	0,97
Porto Santo	41,91	47,76	0,98	3,16	1,71	33,60	56,62	0,57	5,44	0,77
Ribeira Brava	23,60	59,16	1,95	6,65	2,20	13,88	67,56	1,22	11,63	2,41
Sta. Cruz	37,68	40,82	3,83	6,58	4,41	26,52	52,74	2,04	12,62	2,70
Santana	24,52	60,43	1,24	5,72	2,16	19,23	63,93	1,02	11,07	1,39
S. Vicente	33,30	52,46	0,90	6,67	1,41	19,34	59,84	0,99	14,56	1,81
TOTAL	34,99	45,19	3,62	6,51	3,75	25,64	53,52	2,48	12,13	3,14
MANDATOS	3	3	0	0	0	1	4	0	0	0

travarmos mais este combate numa região onde a democracia ainda não está completa.

Qual a importância deste histórico resultado para o PS/Madeira ?

Penso que há três ilações que se devem tirar deste resultado. A primeira é que o PS está a crescer e tem condições para vir a ser poder na Madeira. A segunda é que o PSD fez, tanto nas regionais como nas legislativas, investimentos brutais nas campanhas e usou as inaugurações

e os meios públicos para fazer campanha eleitoral e nem assim conseguiram travar a derrapagem do PSD, pois atingiram o pior resultado desde 1975. E a terceira é que a Madeira está a mudar e os madeirenses estão a estabelecer uma relação de confiança com o Partido Socialista.

Há razões para concluir que se assistiu a uma mudança do clima político na RAM?

Claro que sim. A Madeira está, efectiva-

mente, a mudar. Existe hoje respeito e simpatia pelo PS na Madeira. A cada dia que passa nós sentimos que cada vez mais madeirenses acreditam que a mudança está em marcha e que não pode ser parada. A solidariedade do PS nacional e dos seus dirigentes também contribui para dar credibilidade à nossa acção política na região e, portanto, temos de intensificar essa solidariedade para que, num futuro próximo, possamos dar aos madeirenses um Governo Regional socialista.



Pelourinho da República

LEGISLATIVAS 2005

“Aqui na sede do PSD os resultados foram recebidos como se de um acidente se tratasse”

Repórter da TVI na noite das eleições

“O eleitorado do ‘Paulinho das feiras’ não é o mesmo do ministro Paulo Portas”

Pacheco Pereira na noite das eleições

“Estou para perceber porque não houve coligação pré-eleitoral, que podia ter travado a maioria absoluta”

Marcelo Rebelo de Sousa na noite eleitoral

“O que se passou nos últimos meses não era aceitável nem tolerável e o povo português limitou-se a registar o seu descontentamento”

António Borges na noite eleitoral

“Cada vez que Cavaco falava ‘era só para espetar um punhal nas costas de Santana”

Jaime Soares, do PSD de Coimbra

“Entregou-se aos partidos de esquerda uma oportunidade que eles no fundo mereciam”

Pacheco Pereira, na noite eleitoral

“Se não entrasse na campanha, morria”

Marcelo Rebelo de Sousa, no dia 14 de Fevereiro

“Pedro Santana Lopes faz lembrar o ex-ministro da Informação do Iraque, que, quando os tanques norte-americanos já estavam a entrar em Bagdad, ainda julgava que ia ganhar a guerra”

José Sócrates, secretário-geral do PS, num jantar-comício em Loures

“Ó doutor Louçã, não me cumprimenta? Olhe que eu não mordo!”

Manuel Monteiro, líder do Partido da Nova Democracia (PND), interpelando o dirigente do Bloco de Esquerda no momento em que as comitivas dos dois partidos se cruzaram nas ruas de Santarém, 16 de Fevereiro

“Mas eu cumprimentei-o. Só que passou uma ambulância”

Francisco Louçã, justificando-se

“Uma coisa é certa: quando Pedro Santana Lopes sai, as coisas melhoram. Ele saiu da presidência do Sporting e o Sporting foi depois campeão”

Alberto Souto, presidente da Câmara de Aveiro, num comício segunda-feira à noite no Centro de Congressos da cidade

“No dia 20 festejamos a vitória. No dia 21 determinamos as políticas fundamentais”

Francisco Louçã, líder do BE, em Faro

“Vou a Fátima, vou a umas toiradas, vim ver uns amigos, mas nada mais”

Nuno Fernandes Thomaz (CDS) (e a sua ligação ao distrito de Santarém, pelo qual é cabeça-de-lista), Lusa, 12/2/05

“Gostava de ir à praia e andar de barco, nada mais”

Idem (explicando como foi secretário de Estado para os Assuntos do Mar), ibidem

“Temos de construir um Museu da Bíblia no Norte, e no Sul um parque temático como a Eurodisney”

Idem (sublinhando duas das suas propostas para o distrito de Santarém), ibidem

“Portem-se bem, que vocês andam-se a portar muito mal, muito mal”

Vendedora da feira de Bustos (Aveiro), dirigindo-se a Paulo Portas

“Gostei imenso de ir aos pastores na Serra da Estrela, agora andar nas lojas a apertar mãos não é o meu género”

Santana Lopes, primeiro-ministro e líder do PSD, num encontro informal com jornalistas em São Bento, comentando a sua participação na campanha eleitoral

“O PSD parece uma equipa de futebol, que leva sempre os adeptos atrás para cada jogo”

Jorge Coelho (PS), em Torres Novas, sobre o comício do PSD em Castelo Branco

“Serei exactamente aquilo que os portugueses quiserem: muito, pouco ou nada”

Paulo Portas

ESPAANHÓIS DIZEM SIM À CONSTITUIÇÃO EUROPEIA

A vitória clara do “Sim” à Constituição europeia, no referendo realizado dia 20 em Espanha, foi um motivo de grande satisfação para todos os europeístas que consideram que aquele resultado pode ser um bom sinal para as outras consultas populares que ainda se vão realizar em mais nove países da União.

Embora com uma participação de 42,42 por cento, de resto muito próxima dos valores registados nas eleições para o Parlamento Europeu de Junho passado, o “Sim” venceu com 76,49 por cento dos votos. De qualquer forma, a elevada abstenção, não deixa de ser uma preocupação e um alerta para os países que ainda vão realizar o referendo.

A vice-presidente da Comissão Europeia responsável pela Comunicação, Margot Walsstrom, exprimiu a sua satisfação pelos resultados do referendo em Espanha e considerou que eles constituem um sinal de encorajamento “aos outros Estados-membros e aos cerca de 220 milhões de pessoas que serão chamadas a pronunciarem-se sobre a Constituição”. No entanto, também manifestou uma grande preocupação pela baixa taxa de participação, pelo que considerou que se trata de um desafio para a democracia e mais uma razão para “incitar os Governos, parlamentos e instituições europeias a intensificarem a campanha para informar o público sobre a Constituição”. O primeiro-ministro espanhol, José Luis

Zapatero, não escondeu a satisfação ao afirmar que “os espanhóis fizeram história na Europa com o sim claro e preciso que deram à Constituição”.

Numa conferência de imprensa na sede da presidência do Governo, no Palácio da Moncloa, Zapatero referiu que os espanhóis “mostraram a sua vontade em participar na construção política europeia” e incitou os cidadãos da União a seguirem o mesmo caminho que a Espanha abriu com o referendo.

Afirmando-se muito satisfeito com o resultado, o primeiro-ministro do Governo socialista espanhol salientou que o referendo foi uma forma da Espanha “dizer obrigado à Europa”.

PRESIDENTE DA COMISSÃO PROMETE LEALDADE E COOPERAÇÃO A SÓCRATES

O presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, prometeu esta semana, durante a sessão plenária de Estrasburgo, “trabalhar com lealdade e cooperação” com o Governo liderado por José Sócrates, que no domingo passado venceu as eleições com uns expressivos 45,05 por cento dos votos e 120 deputados, ainda sem o apuramento dos resultados dos círculos da emigração. Estas declarações surgem depois do Grupo Socialista Europeu ter exigido uma clarificação sobre a participação de Durão Barroso num acto de campanha do PSD,

nos tempos de antena, e defendido a revisão do código de conduta da Comissão Europeia para clarificar a participação do seu presidente em campanhas políticas, já que o documento é omissivo quanto a quem o líder do Executivo comunitário deve pedir autorização para o fazer.

“Não tenho dificuldade em aceitar que o Presidente da Comissão tenha uma linha política e eu sei qual é a sua, mesmo imaginando que foi indicado como neutro. Mas isto deve ser esclarecido”, afirmou o líder do Grupo do PSE, Martin Schultz.

Ao responder no hemiciclo de Estrasburgo, Barroso garantiu que terá “as melhores relações com o Governo de Portugal, que é do meu país, e o maior gozo em trabalhar com ele como trabalhei com este, de forma leal e empenhada”.

Barroso, que fez estas declarações no final do debate sobre o programa do Executivo comunitário para 2005, afirmou que, como cidadão, tinha direito às suas preferências e, ao ser interrogado sobre se sente responsável pelo resultado das eleições de domingo, recusou-se a entrar nas questões de política interna portuguesa.

EDITE ESTRELA

MAIOR ENVOLVIMENTO DAS MULHERES NA VIDA SOCIAL E POLÍTICA

Estabelecer um “contrato entre os géneros”, baseado em novos compromissos estabelecidos ao nível do trabalho e da família e tendo por meta o envolvimento mais activo das mulheres nos planos social e político, foi uma das ideias defendidas pela eurodeputada Edite Estrela, na passada semana, ao participar numa Conferência do Conselho das Comunidades e Regiões da Europa sobre a promoção da Igualdade de Géneros na UE. Intervindo na qualidade de Vice-Presidente da Comissão dos

Direitos da Mulher do Parlamento Europeu, a eurodeputada socialista destacou a necessidade “de se evitar que as mulheres continuem, no futuro, a ser confrontadas com realidades como a de ter de abdicar da carreira em função da família” - um “abandono forçado” que, na opinião de Edite Estrela, “não se compadece com a exigência de modernidade e a condição indispensável ao reforço da democracia” que constitui a participação activa das mulheres na vida económica, social e na

tomada de decisões políticas. A sociedade “perde bastante se as mulheres estiverem ausentes”, sublinhou Edite Estrela, defendendo a adopção de uma nova perspectiva - feminina e masculina - no tratamento e na resolução dos principais desafios e problemas que se colocam a nível europeu, nacional e local. “A Igualdade é uma estratégia ao serviço de uma sociedade mais justa e mais solidária, e uma arma contra as desigualdades sociais, económicas e políticas”, afirma a eurodeputada.

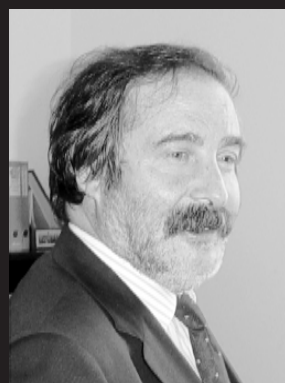
MORREU O DEPUTADO SOCIALISTA JOSÉ SARAIVA

Vítima de doença prolongada, faleceu o deputado socialista José Saraiva, eleito pelo círculo do Porto para a Assembleia da República nas legislativas de domingo. Contava 59 anos.

José Saraiva foi também deputado à Assembleia da República nas VII e VIII legislaturas

Antigo director do “Jornal de Notícias”, José Saraiva era também membro da Assembleia Municipal do Porto.

Ocupou o cargo de vereador da Câmara Municipal do Porto entre 1983 e 1986, foi membro das Comissões Parlamentares de Assuntos Europeus e Saúde e Toxicod dependência e membro da Comissão



Eventual para o acompanhamento da Situação em Timor-Leste.

O presidente da Federação do PS/Porto, Francisco Assis, afirmou ter recebido com “grande consternação” a morte de José Saraiva, que representa uma “perda” para o PS e para a vida política nacional, considerando-o “um exemplo de cidadania” e um “homem de grande cultura”.

Assis sublinhou ainda que José Saraiva exerceu os seus mandatos parlamentares “com grande dignidade, nunca fugindo às polémicas e nunca se acomodando à situação”.

À família enlutada o “Acção Socialista” apresenta as mais sentidas condolências.

FINALMENTE!

Em 20 de Fevereiro de 2005, fez-se História. 30 anos depois do 25 de Abril quebrou-se o tabu: um partido de esquerda, o Partido Socialista, conquistou a maioria absoluta nas eleições legislativas, conseguindo 45,05 por cento dos sufrágios, enquanto os partidos da anterior coligação da direita não foram além dos 36 por cento. Com esta votação maciça no PS, os cidadãos sufragaram inequivocamente uma alternativa a um Governo de direita sem rumo e sem perspectivas. No entanto, é necessário que se diga, desde logo se começaram a ouvir as aves de mau agouro que tentaram desvalorizar esta grande vitória socialista.

De preto vestida, a jornalista e comentadora Maria João Avilez, na RTP1, mal conseguiu disfarçar o seu descontentamento, interrogando-se se o PS estaria preparado para assumir a responsabilidade que os eleitores lhe confiaram. Será, pergunta-se, que uma maioria absoluta de direita de um só partido ou de partidos coligados é, por inerência ou por uma espécie de direito inato, mais responsável do que uma maioria absoluta de um partido de esquerda? Eis uma visão que denota um conservadorismo atávico: alguns nasceram para eternamente governar ou para ser sufragados pelo votos dos cidadãos, enquanto outros estão eternamente destinados à oposição ou às vitórias de Pirro.

Mas de todos os comentadores televisivos, o que mais impressionou foi, sem dúvida, António Barreto. Ficámos a saber antes de tudo que o Partido Socialista, apesar de ter conseguido a maioria absoluta pela primeira vez na sua história, não mereceu a vitória ou só a conseguiu em consequência do demérito do seu principal adversário, o Partido Social Democrata. Em termos lógicos, este juízo é, no mínimo, uma falácia: nenhum partido pode conquistar uma clara maioria absoluta apenas por demérito dos outros ou por exclusão de partes. Em tais condições, consegue, na melhor das hipóteses, uma maioria relativa muito exigua.

A lógica não parece ser um ponto forte de António Barreto que, no entanto, voltou à carga. Tal como outros comentadores, manifestou a sua preocupação com a crise

JOAQUIM JORGE VEIGUINHA

económica e o seu cepticismo perante a capacidade do PS em lidar com ela. Porém, esqueceu-se de referir que esta crise é um presente envenenado do Governo PSD/PP que conseguiu, em três anos, aumentar os índices de desemprego para 7 por cento, com uma política que prejudicou o investimento, a inovação e a capacidade aquisitiva da grande maioria dos cidadãos que vivem do seu salário. O epílogo do professor Barreto foi bem digno do desnoite dos seus comentários: José Sócrates foi criticado por se ter dirigido, primeiro aos militantes e votantes do Partido Socialista, e só depois aos portugueses. A patetice destas considerações barretianas, politicamente aproveitadas desde logo por Marcelo Rebelo de Sousa, um comentador de direita inteligente, é verdadeiramente astral. Em primeiro lugar, a União Nacional já não faz parte dos horizontes políticos deste país, nem existe qualquer "democracia orgânica" que leve um líder partidário a dirigir-se a uma nação em abstracto, onde se presume que todos pensam e defendem os mesmos valores e os mesmos projectos para o país. Em segundo lugar, António Barreto devia ter-se enganado nos comentários a esta eleição, pois provavelmente já estaria a pensar nas eleições presidenciais. Em terceiro lugar, o secretário-geral do Partido Socialista, deixou bem claro que o Governo governaria para todos, o que significa, como referiu, que não excluiria ou não privilegiaria ninguém.

Basta de referências aos comentadores! A hora é de luta, apesar da conquista da maioria absoluta. A direita, apesar de claramente derrotada nestas eleições, dispõe de um enorme poder de condicionamento e constrangimento. Tudo indica, a avaliar pelas palavras de Marques Mendes, que se pretende renovar ou regenerar, como se fosse algo de diferente daquilo que verdadeiramente é. Mas esta é uma novidade já velha. O PS não pode descansar em cima dos louros da vitória. As autárquicas e as presidenciais constituem os próximos desafios. O PS deve estar preparado para elas e sobretudo para enfrentar os futuros salvadores da pátria que se perfilam no horizonte.

UMA MAIORIA ABSOLUTA SEM ESTADO DE GRAÇA

É no momento em que ainda se ouvem os foguetes do retumbante êxito eleitoral do Partido Socialista que importa começar a preparar o futuro. E o futuro é o bom governo do país, o bom governo da maioria absoluta, o bom governo do PS.

O histórico resultado de 20 de Fevereiro p.p. representa bem mais do que uma mera vitória eleitoral ou um simples aumento das responsabilidades do partido, da sua direcção e dos seus militantes perante o eleitorado. As vicissitudes por que o país e os portugueses passaram nos últimos anos não nos podem levar a encarar o mandato que nos foi agora conferido como um qualquer cheque em branco ou uma oportunidade para governar sem prestar contas a ninguém ao longo da legislatura. O PS já tem menos de quatro anos até às próximas legislativas para poder realizar o sonho de devolver a esperança aos portugueses, de materializar o esforço e de cumprir escrupulosamente o seu programa eleitoral.

O estado calamitoso em que o país ficou, o nível de degradação social e económica em que estamos, impõe medidas urgentes, rigorosas e consistentes. Atalada a deriva populista e ideológica, importa sumariar em breves linhas os pontos que considero essenciais:

1. Formar um Governo digno da maioria absoluta que conquistámos nas urnas e da tradição republicana;
2. Cumprir o programa eleitoral e fazer um programa de Governo que respeite as escolhas fazendo os ajustamentos necessários;
3. Escolher as pessoas pelo mérito, independentemente da sua história ou número de cartão do partido, da sua origem familiar ou grupo ideológico, formando um grupo coeso, homogéneo e competente para a realização das tarefas necessárias;

SÉRGIO DE ALMEIDA CORREIA

MILITANTE DA SECÇÃO DE CASCAIS

4. Ser capaz de assumir um governo de verdade, um governo capaz de dialogar e de entender os portugueses, sem tíques autistas, um governo capaz de distinguir o essencial do acessório e que evite cair em excessos de protagonismo;
5. Ter presente que as próximas eleições legislativas serão ganhas por quem, depois de conquistar uma maioria absoluta, tenha consciência de que só poderá voltar a ganhar se for capaz de governar com o único objectivo de realizar o interesse nacional, não confundido este com o do partido ou das clientelas que ciclicamente o invadem.

Não há tempo a perder. Chega de demagogia. Basta de populismo. A responsabilização do Partido Socialista perante o eleitorado que nos deu a maioria absoluta começou ontem. É bom que o futuro primeiro-ministro de Portugal se lembre disso. E, também, que a República começa a construir-se em nossa casa, com liberdade, com responsabilidade, com seriedade, com democracia e sentido das realidades. Os portugueses pagaram caro os erros que cometemos no passado. O Partido Socialista tem a obrigação de honrar a maioria absoluta e de apresentar ao país um Governo decente, competente e credível. Acabaram as Novas Fronteiras. O estado de graça começou e acabou na noite das eleições. Portugal não pode ficar à espera. A sua refundação tem de começar já. Só isso pode devolver a esperança aos portugueses. Saiba o PS e os seus dirigentes estar à altura do desafio. Os militantes anónimos saberão cumprir a sua parte e os portugueses de se reconhecer na hora própria o trabalho realizado.

O PAÍS RELATIVO

BALANÇO E CONTAS

Tal como o PS, o PSD teve um resultado histórico, ou melhor, pré-histórico, já que a sua força eleitoral recuou aos números do início da década de 80. Santana Lopes explica muito, mas não explica tudo.



FILIPE NUNES

O PS teve o seu melhor resultado de sempre e obteve pela primeira vez uma maioria absoluta. É claro que estas eleições serviram para avaliar o Governo PSD/CDS, mas seria injusto ignorar o mérito da estratégia do PS. Desde logo, a forma como José Sócrates conseguiu tornar claro o que estava em jogo: a continuidade representada por Santana e Portas ou a mudança segura liderada por si? Muito se criticou o «cinzen-tismo» da campanha socialista. A verdade é que o PS não podia competir com o Bloco em folclore ou com o PC em ortodoxia. Era sabido que muitos dos eleitores do PC e do BE de 2002 jamais votariam no PS, fosse quem fosse o líder. Havia que ganhar «ao centro». Por outro

lado, a opinião pública, de uma maneira geral, estava farta de eleitoralismos. A conjuntura exigia realismo. O PS percebeu isto, e apresentou um programa sério de reformas na segurança social, na saúde e na administração pública. Agora trata-se de pôr esse discurso em acção. Se desiludir, já sabe o que lhe acontece. A volatilidade eleitoral está em alta.

Tal como o PS, o PSD teve um resultado histórico, ou melhor, pré-histórico, já que a sua força eleitoral recuou aos números do início da década de 80. Santana Lopes explica muito, mas não explica tudo. Já nas europeias, com Durão Barroso no Governo, as políticas do PSD/CDS foram a votos e tiveram a aprovação de 33 por cento dos eleitores. Um dos maiores erros dos dirigentes do PSD é pensar que, para voltar ao poder, basta mudar de líder. Este PSD - o PSD pós-Cavaco - é de facto outro PSD, no tipo de marketing mas também no tipo de interesses e valores que representa. Nos últimos dez anos, o partido ficou dominado por uma agenda conservadora que o aproximou ideologicamente dos "tories" (veja-se o que defende quem tem colaborado nos programas de governo do PSD). Desde que Blair ganhou as eleições, os conservadores já tiveram, pelas minhas contas, três líderes. O quarto virá a caminho.

Ao contrário dos outros, o PCP é previsível. Repetiu basicamente a votação das europeias. Como nestas legislativas os restantes partidos da esquerda estiveram igualmente mobilizados, baixou a percentagem. Jerónimo pode ter animado a campanha, mas o PC é o único fenómeno sociológico da política portuguesa. Aquelas pessoas - e só elas - votam em quem o Comité Central mandar.

Já o CDS achou que era possível fugir ao exame. Inflacionou demasiado as expectativas. Se apenas 35 por cento dos portugueses avaliavam positivamente o governo, onde é que o senhor ministro de Estado e da Defesa queria ir buscar os 10 por cento? Portas deu por adquirido que contava, de novo, com o apoio dos pensionistas, do pessoal da lavoura e do ultramar. Só que esses ficaram em casa ou votaram no «trotskismo». Mesmo assim resistiu bem. Numa primeira leitura, percebe-se que o que o CDS perdeu nas feiras ganhou nos salões. Ao contrário do que se passa à esquerda, na direita, a popularidade dos líderes é decisiva. Se o PSD tem um líder como Cavaco, a direita vota PSD. Se o PSD tem um líder como Durão ou Santana, há um terço da direita que prefere Portas. É este o drama do PSD daqui para a frente. Em coligação pré-eleitoral, o CDS teria eleito na mesma os 12 deputados. Mas assim os deputados são dele, Paulo Portas. Para mais tarde recordar.

Finalmente, o Bloco. Pela primeira vez, confirmaram-se nas urnas os resultados das sondagens. Desde a sua constituição, o BE tem vindo a subir, independentemente de se tratar de eleições europeias ou legislativas. É um voto ideológico e parcialmente ancorado nos temas «fracturantes». Parcialmente, porque com esse eleitorado típico dos partidos Verdes parece conviver agora um voto de protesto que se deu ao trabalho de ir votar. As contradições estratégicas dos dirigentes do Bloco são, afinal, as contradições do seu próprio eleitorado. Realmente, os resultados do BE e as taxas de participação em Lisboa e Setúbal dão que pensar. De resto, no essencial, o problema da abstenção continua aí - certamente mais forte nos jovens e nos eleitores que não confiam no sistema político. A diferença é que desta vez a esquerda se mobilizou mais do que a direita. Cabe agora ao PS não desmobilizar o seu eleitorado.

CORREIO DOS LEITORES

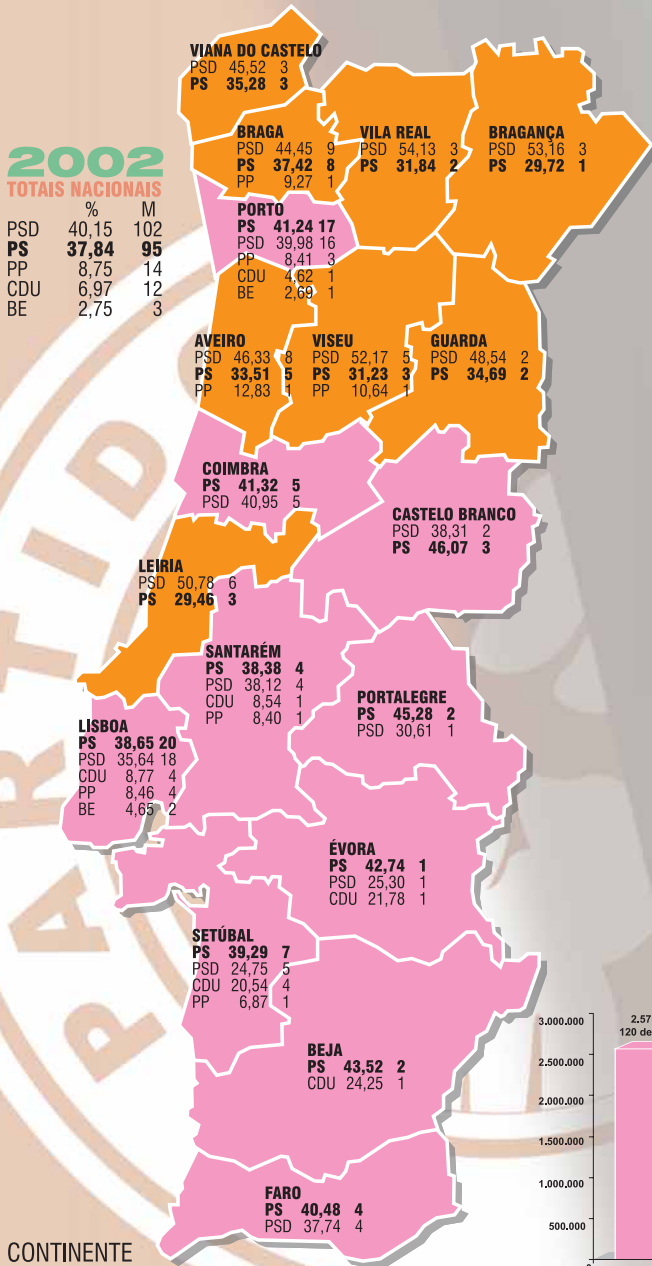
LEGISLATIVAS 2005

OS NÚMEROS DA VITÓRIA SOCIALISTA

2002

TOTAIS NACIONAIS

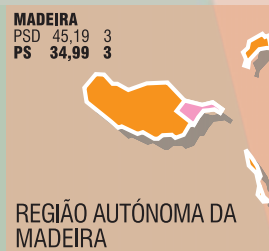
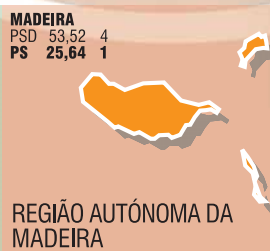
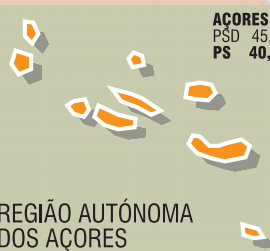
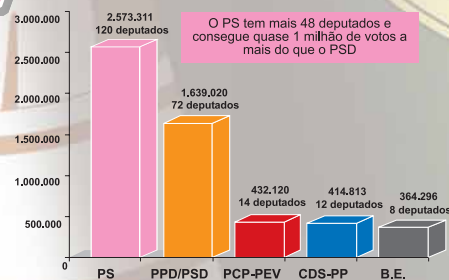
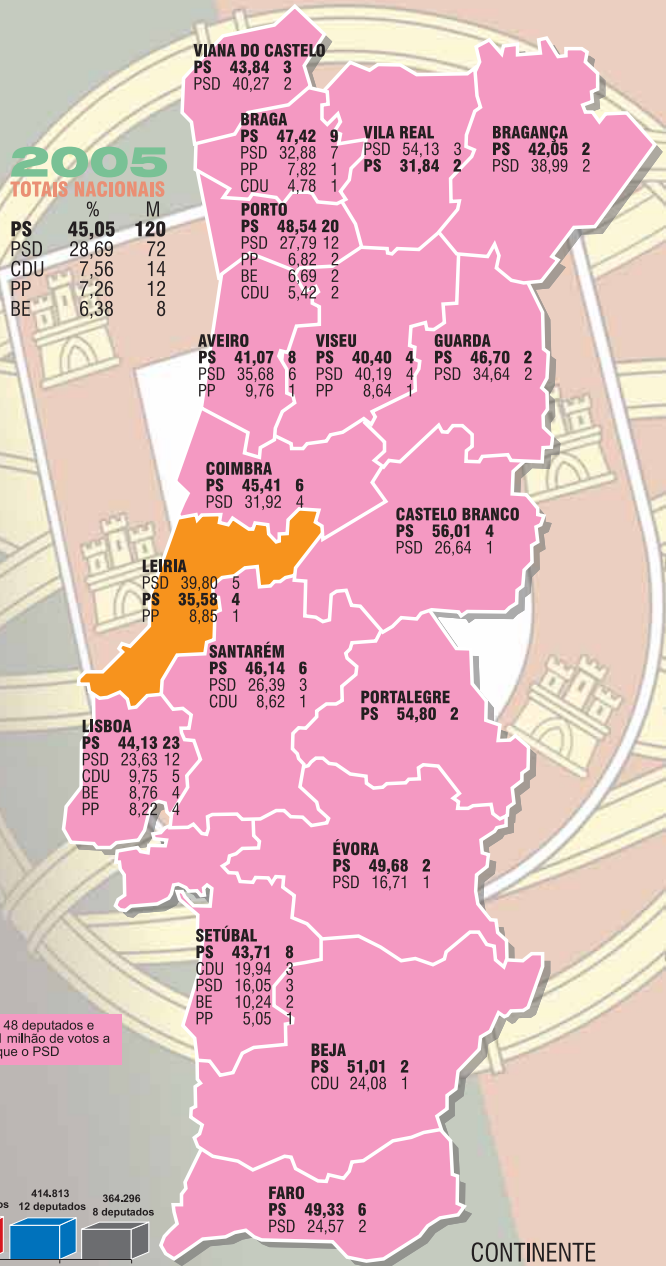
	%	M
PSD	40,15	102
PS	37,84	95
PP	8,75	14
CDU	6,97	12
BE	2,75	3



2005

TOTAIS NACIONAIS

	%	M
PS	45,05	120
PSD	28,69	72
CDU	7,56	14
PP	7,26	12
BE	6,38	8



Acção Socialista

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIALISTA
Propriedade do Partido Socialista

DIRECTOR Augusto Santos Silva | DIRECTOR-ADJUNTO Silvino Gomes da Silva silvino@ps.pt | REDACÇÃO J.C. Castelo Branco cbranco@ps.pt; Mary Rodrigues mary@ps.pt | SECRETARIADO Virginia Damas virginia@ps.pt
PAGINAÇÃO ELECTRONICA Francisco Sandoval francisco@ps.pt | EDIÇÃO INTERNET José Raimundo; Francisco Sandoval
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E EXPEDIÇÃO Partido Socialista; Largo do Rato 2, 1269-143 Lisboa; Telefone 21 382 20 00, Fax 21 382 20 33
DEPÓSITO LEGAL N.º 21339/88 | ISSN: 0871-102X | IMPRESSÃO Mirandela, Artes Gráficas SA; Rua Rodrigues Faria 103, 1300-501 Lisboa

Toda a colaboração deverá ser enviada para o endereço do jornal ou para accaosocialista@ps.pt

www.pps.pt/accao